



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

JOÃO MANUEL DOS SANTOS CRUZ

Lucas: Um caminho de Oração
Uma leitura teológico-espiritual de Lc 16, 19-31

Dissertação Final
sob orientação de:
Professor Doutor João Alberto Sousa Correia

Braga
2022

Índice

Índice.....	3
Resumo	5
Abstract.....	5
Abreviaturas e Siglas	6
Introdução	7
Capítulo 1: Um evangelho chamado Lucas	10
1. Lucas, o autor do terceiro Evangelho	10
2. A estrutura do texto.....	11
2.1. Divisão estrutural segundo Joseph A. Fitzmeyer.....	12
2.2. Divisão estrutural pormenorizada	12
3. As Fontes de Lucas	15
4. Redação do Evangelho: tempo e lugar.....	17
4.1. Tempo da Redação	17
4.2. O lugar da redação.....	18
5. Destinatários da obra de Lucas	19
Capítulo 2 – Lc 16, 19-31: o texto e a intertextualidade.....	21
1. Texto grego e tradução.....	21
1.1. Texto original	21
1.2. Tradução.....	22
2. Análise morfológica.....	23
3. Enquadramento da parábola.....	24
3.1. O enquadramento no capítulo 16	25
3.2. Enquadramento genérico no Evangelho de Lucas	26
4. Comparação com outros textos.....	27
4.1. O sufoco dos ricos	27
4.1.1. Exploração dos ricos no livro dos Reis (1 Re 21)	27
4.1.2. Exploração dos comerciantes em Am 8, 4-8 e em Is 5, 8-25	28
4.1.3 A verdadeira riqueza a partir do evangelho de Marcos (Mc 10, 17-31).....	30
4.2. Invocação do pobre em nome do Senhor	31
4.2.1. Louvor e ação de graças através dos Salmos (Sl 130; 138).....	32
4.2.2. Louvor por uma salvação acessível a todos (Rm 10, 5-21).....	35
Capítulo 3: Um caminho de Oração.....	37
1. O caminho da salvação	37
1.1. Uma Teologia da Salvação.....	38

1.2. A História da Salvação por Jesus	43
1.3. A salvação de Lázaro	44
2. Oração: caminho (d)e vida.....	45
2.1. A atitude do orante	45
2.2. A oração é caminho.....	46
3. Viver um itinerário de oração	48
3.1. Fundamentos da oração.....	49
3.2. Obstáculos à oração.....	51
3.3. Modos de orar	52
3.4. Géneros de oração	53
4. Possíveis complementos da oração.....	54
4.1. A psicologia como complemento.....	56
4.2. O papel do acompanhamento espiritual	58
Conclusão.....	62
Bibliografia	64

Resumo

Este trabalho acadêmico tem por base a parábola do rico e de Lázaro (Lc 16, 19-31) e pretende, primeiramente, expressar o perigo a que a ganância pela abundância pode conduzir, criando um certo abismo separatista.

A segunda parte centra-se no 3º capítulo e está relacionada com a visão de Lucas: a oração conduz à salvação. A oração deve ser vista numa perspectiva de diálogo com um amigo, para que possamos abrir o coração numa atitude de pobre, uma vez que deve ser essa a atitude do ser orante, e assim se enriquecer em Deus.

Palavras-chave: Lucas, rico, Lázaro, salvação, oração, conversão, espiritualidade.

Abstract

This academic work is based on the parable of the rich man and Lazarus (Lk 16:19-31), and intends first to express the danger to which greed for abundance can lead, creating a certain separatist abyss.

The second part focuses on the third chapter and is related to Luke's vision: prayer leads to salvation. Prayer should be seen in a perspective of dialogue with a friend, so that we can open our hearts in an attitude of the poor, since this should be the attitude of the praying being, and thus be enriched in God.

Keywords: Luke, Rich, Lazarus, salvation, prayer, conversion, spirituality.

Abreviaturas e Siglas

Antigo Testamento

1 Rs	1º livro dos Reis
Am	Profeta Amós
Is	Profeta Isaías
Sl	Livro dos Salmos

Novo Testamento

Mt	Evangelho de S. Mateus
Mc	Evangelho de S. Marcos
Lc	Evangelho de S. Lucas
Jo	Evangelho de S. João
At	Atos dos Apóstolos
Rm	Carta aos Romanos
Fl	Carta aos Filipenses
Cl	Carta aos Colossenses
2 Tm	2ª Carta a Timóteo

Outras

L	Fonte exclusiva de Lucas
Q	Fonte comum a Mt e Lc (Quelle)
CEP	Comissão Episcopal Portuguesa
AT	Antigo Testamento
NT	Novo Testamento

Introdução

O trabalho de investigação académica que é apresentado conduz-nos, primeiramente, por uma análise literária e teológica da perícopa Lc 16, 19-31. Assim sendo, no primeiro capítulo, iniciamos uma breve reflexão acerca do perfil de Lucas que é o autor do terceiro evangelho, e autor do evangelho a que pertence a referida perícopa. Depois, surgem os dados relativos à(s) comunidade(s) a que se destinam, fontes do autor e possível divisão deste evangelho. Após evidenciar que o terceiro evangelho deverá ser analisado e interpretado numa unidade com o livro dos Atos dos Apóstolos, importa realçar a estrutura do terceiro evangelho.

No segundo capítulo, começamos por apresentar o texto original e a devida tradução (CEP) para, em seguida, apresentar uma análise morfológica de alguns vocábulos que, podem ser importantes na interpretação da referida perícopa. Terminamos este terceiro capítulo com um enquadramento entre a referida perícopa e restante evangelho de Lucas, assim como, uma comparação com variadas passagens bíblicas, desde o AT ao NT.

Antes de partir para o terceiro capítulo, através de uma análise exegética, percebemos o problema do isolamento e afastamento em que vive o rico, da parábola em estudo, mantendo um abismo de separação. Para que esse abismo seja quebrado, é necessária a conversão mediante a abertura do coração a Deus, num ato dialogante e orante.

A segunda parte desta investigação orienta-se para uma linha teológica-espiritual, o centro deste trabalho, através de um aprofundamento da temática da oração. A centralização na questão da oração como possibilidade de salvação aplica-se em nós. Como diz Paolo Scquizzato, «a oração evangélica não é um ato mágico, uma espécie de troca ou um negócio. Orar não provoca nenhum efeito sobre Deus, não muda nada nele, mas, sim, em quem ora»¹. Deus atende aqueles que, através da oração, testemunham o desejo e a esperança de que se faça justiça (cfr. Lc 18, 1-8).

Não basta ser perseverante e insistente. É preciso reconhecer e confessar a própria pequenez, recorrendo à misericórdia de Deus. De nada adianta ao ser humano justificar-se a si mesmo, já que a justificação é um dom de Deus (cfr. Lc 18, 9-14). Ser perseverante na oração pode não ser fácil, mas é sempre recompensador. Na oração, a diligência e a determinação são cruciais.

Por vezes, pode surgir, na oração, devido à inquietação, uma certa incompreensão face aos desígnios de Deus; podemos até ficar um pouco inquietos, mas Jesus demonstra-nos que precisamos de ter fé. Os cristãos que iniciam a vida da oração demonstram uma certa força

¹ Paolo Scquizzato, *Ainda Melhor no Silêncio: A Oração Cristã* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2017), 62.

esmagadora e uma velocidade esplêndida, contudo, evidenciam, desde logo, uma fraqueza ao entenderam que não obtiveram uma resposta imediata, e acabam por perder o fôlego.

Existem muitos motivos para que sejamos perseverantes na oração: um deles é o desenvolvimento espiritual, que se manifesta pela fé. Se tomarmos Abraão como exemplo, percebemos que, pela fé, este não vacilou. Pelo contrário, fortaleceu-se, dando glória a Deus.

Não é possível fazer purificação espiritual fecunda se não tivermos percepção inicial de quem eu sou e de quem é Deus.

Deus pode dar aquilo que pedimos, mas Deus oferece ainda antes de nós pedirmos ou conseguirmos formular o pedido. O primeiro é o Deus que se oferece por ser amor. O ser humano é alguém que continuamente busca a divindade, mas a verdade é que nós não somos capazes de, por nós mesmos, chegar a Deus. Deus é quem toma a iniciativa. Nós rompemos a nossa relação com Deus e Deus toma a iniciativa e vem ter connosco, num diálogo tu-a-Tu² com Ele. Ele toma a iniciativa amorosa e gratuita de se dirigir a cada um de nós, oferecendo-se com infinita humildade, não para não nos denegrir nem humilhar, mas para nos realizar em plenitude.

Então alcançaremos esta dimensão do amor: o amor diferencia e unifica, pois quanto mais me dou, mais me torno e mais o outro se torna ele próprio. Dizer que Deus se dá de modo generoso é dizer que Deus é graça. Graça não é uma coisa que Deus tem, pois Deus só se tem. A graça é o amor de Deus a chegar até nós mesmo através do outro, uma vez que, «quando eu olho o rosto do outro, a ideia de Deus assoma à superfície, dentro de mim»³.

Por sua vez, a oração é um processo que precisamos de identificar como simples; é pela oração que nos preparamos, em primeiro lugar, em paz connosco. Conseguir estar em oração permite que «a presença misteriosa e calada de Deus dentro de nós se torne cada vez mais, não só uma realidade, mas a realidade nas nossas vidas»⁴

Numa ligação entre a espiritualidade e a religião, percebemos que ambas se podem sobrepor, na medida em que na religião se faz a descoberta pessoal da espiritualidade – uma fé mais vivida e pessoal, a quem já pertence à Igreja. Falamos de uma conversão não do ateísmo à fé, mas da fé social para uma fé pessoal.

É preciso perceber a espiritualidade desde uma perspetiva teológica e antropológica bíblico-cristã, claramente. Advém da nossa dimensão constitutivamente espiritual, onde somos chamados ao amor, para o amor e pelo amor. Crescemos espiritualmente pelo amor, mesmo que ele possa provocar sofrimento: é o amor e não o sofrimento por si.

² Cf. Romano Guardini, *Introdução à Oração* (Lisboa: Editorial Aster, 1957), 187.

³ Tomáš Halík, *Quero que Tu sejas!: Podemos acreditar no Deus do amor?*, 2ª ed. (Prior Velho: Paulinas Editora, 2016), 136.

⁴ John Main, *A Palavra que leva ao Silêncio* (Lisboa: Pedra Angular, 2011), 21.

A espiritualidade deve ser significativa, dadora de sentido para uma vida humanizada, e, enfim, que faça de nós uma presença real e transformadora na relação com os outros, com Deus e com a criação. Como refere John Main, «toda a oração cristã é, no fundo, a experiência de estar cheio do Espírito e, por isso, em todo o discurso ou pensamento acerca da oração, deveríamos fixar firmemente a atenção no Espírito, e não em nós mesmos»⁵.

Terminamos ainda este terceiro capítulo, com referência à psicologia e ao papel do acompanhamento espiritual, como possíveis complementos da oração.

⁵ Main, *A Palavra que leva ao Silêncio*, 31.

Capítulo 1: Um evangelho chamado Lucas

Na ordem canónica, o evangelho de Lucas vem em terceiro lugar, razão pela qual se usa também a expressão “terceiro Evangelho” para o referir. Há nele uma ligação estreita com o livro dos Atos dos Apóstolos⁶, no que diz respeito à unidade literária e temática. Antonio Rodríguez Carmona afirma que «ambas as obras constituem um bloco de aproximadamente 37.778 palavras»⁷. As semelhanças literárias e temáticas dão força à ideia de que o autor seja o mesmo⁸, e, tendo Lucas sido discípulo de Paulo, terá usado como apoio Marcos e de Mateus para compor o evangelho que hoje temos, além das suas próprias investigações⁹.

Estima-se que este evangelho tenha sido redigido por volta do ano 85 depois de Cristo e que foi destinado a cristãos de cultura grega, como se vê pela língua, pelo cuidado em explicar a geografia e usos da Palestina, pela omissão de discussões judaicas, pela consideração que tem pelos gentios¹⁰. Analisadas as duas obras de Lucas, «o empreendimento literário mais ambicioso do cristianismo primitivo»¹¹, podemos afirmar que o livro dos Atos dos Apóstolos é uma segunda parte da sua obra.

1. Lucas, o autor do terceiro Evangelho

O autor do terceiro Evangelho apresenta-se muito pouco revelador da sua identidade¹². O que diferencia este Evangelho do de Mateus e de Marcos é, entre outras coisas, a inclusão de um prólogo com os motivos pelos quais é redigido. O terceiro Evangelho, como afirma J. Fitzmyer, «não contém a mínima indicação sobre a identidade do autor, nem sequer algum indício textual que nos permita deduzi-lo»¹³. São os testemunhos antigos, a análise interna do texto e a crítica atual que nos redirecionam para Lucas como o seu autor.

Lucas terá trabalhado em Acaya, após a morte de Paulo, e terá sido aí que redigiu o terceiro Evangelho, assim como do livro dos Atos¹⁴. Terá sofrido uma morte natural na Beócia, aos 84 anos, sem se ter unido em matrimónio; e, segundo Jerónimo, os seus restos

⁶ Cf. Rafael Aguirre Monasterio e Antonio Rodríguez Carmona, *Evangelios Sinópticos y Hechos de los Apóstoles* (Estella: Verbo Divino, 1994), 281.

⁷ Monasterio, 281.

⁸ Ireneu é o primeiro a tecer esta atribuição.

⁹ Cf. João Alberto Correia, *Os Livros da Bíblia: Novo Testamento*, vol. II (Braga: Diário do Minho, 2011), 29.

¹⁰ Cf. Joseph A. Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas: Introduccion General*, vol. I (Madrid: Ediciones Cristiandad, 1986), 108-111.

¹¹ Monasterio, *Evangelios sinóticos*, 281-282.

¹² Cf. François Bovon, *El Evangelio Según San Lucas*, vol. I (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005), 39.

¹³ Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas*, vol. I, 71.

¹⁴ Cf. Josef Schmid, *El Evangelio Según San Lucas* (Barcelona: Herder, 1968), 14.

mortais foram trasladados da Beócia para Constantinopla, a 3 de março de 357. Mais tarde, Teodoro de Anagnosta testemunha que Lucas terá sido pintor.

Aquilo que é permitido recolher pela leitura é que o autor pertencia a uma classe social alta e que teria feito estudos de retórica grega, assim como de exegese judaica. De realçar também que ele não terá sido testemunha ocular do ministério de Jesus, mas sim um cristão de segunda ou terceira geração¹⁵.

Lucas é tido como o escritor da mansidão, da misericórdia e do amor de Cristo¹⁶, possuidor de variados conhecimentos, como o verificamos na carta aos Colossenses, onde é tratado como o “querido médico” (4, 14). É pelas cartas de Paulo (Fl 24; 2Tim 4, 11; Cl 4, 14) que o identificamos na missão paulina, mesmo que Lucas não se tenha focado tanto na edificação de novas comunidades, mas bem mais na difusão da mensagem¹⁷. Esta ligação a Paulo é-nos relatada no livro dos Atos¹⁸, no qual Lucas aparece em referências concretas.

O Cânon Muratoriano e Ireneu de Lyon oferecem-nos testemunhos antigos de que este terceiro Evangelho pertence verdadeiramente a Lucas¹⁹. Estes testemunhos encaminham-nos para os anos 170-180, mas «pelo ano 200 (Clemente e Tertuliano) Lucas é considerado definitivamente como o autor do terceiro Evangelho e dos Act; assim ficará na memória da Igreja»²⁰.

Ao longo do segundo século, muitos foram os testemunhos de Lucas como autor do terceiro Evangelho, e essas afirmações prolongaram-se pelo terceiro século, através dos testemunhos de Orígenes, de Eusébio de Cesareia e de Jerónimo. Estes talvez sejam alguns dos mais significativos testemunhos, mas muitos mais poderiam ser adicionados, como os de Clemente de Alexandria, Efrém, Adamancio, Epifânio e o prólogo da Vulgata latina²¹.

2. A estrutura do texto

O Evangelho de Lucas pode dividir-se em oito partes²², e esta divisão percebe-se perfeitamente através das diferenças de estilo. A divisão pertence a J. Fitzmyer e é por ela que nos guiaremos, neste trabalho.

¹⁵ Cf. Bovon, *El Evangelio Según San Lucas*, vol. I, 39; Cf. Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas*, vol. I, 72

¹⁶ Cf. Gianfranco Ravasi, *Quem és Tu, Senhor?* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013), p. 63.

¹⁷ Cf. Bovon, *El Evangelio Según San Lucas*, vol. I, 40; Cf. Schmid, *El Evangelio Según San Lucas*, 12.

¹⁸ Cf. Bovon, *El Evangelio Según San Lucas*, vol. I, 39-41; Cf. Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas*, vol. I, 71-72; Schmid, *El Evangelio Según San Lucas*, 13-14.

¹⁹ Cf. Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas*, vol. I, 74-75.

²⁰ Bovon, *El Evangelio Según San Lucas*, vol. I, 41.

²¹ Cf. Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas*, vol. I, 78-79.

²² Cf. Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas*, vol. I, 227.

Na obra de Rafael A. Monasterio e de Antonio R. Carmona²³, encontramos o evangelho dividido em seis partes²⁴, no entanto insere duas outras que correspondem ao livro dos Atos dos Apóstolos. Assim sendo, no conjunto dos dois textos, ambos de Lucas, encontramos uma divisão em 8 partes. Os dois autores, anteriormente referidos, dividem o evangelho em seis partes, uma vez que inserem a narrativa da paixão e a da ressurreição no ministério de Jesus em Jerusalém²⁵. J. Fitzmeyer coloca estas duas narrativas na sétima e oitava divisão, respetivamente.

2.1. Divisão estrutural segundo Joseph A. Fitzmeyer

Existem muitas outras opções, contudo teremos por base a divisão estrutural de Fitzmeyer, que se apresenta, de modo simplificado, na tabela abaixo²⁶, uma vez que seguidamente partiremos para uma reflexão mais concisa. É de realçar que Lucas usa como ponto importante da sua estrutura a geografia.

Prólogo	1,1-4
Narrativa da infância	1,5-2,52
Preparação para o ministério de público de Jesus	3,1-4,13
Ministério de Jesus na Galileia	4,14-9,50
Relato da viagem de Jesus a Jerusalém	9,51-19,27
Ministério de Jesus em Jerusalém	19,28-21,38
Narrativa da paixão	22,1-23,56 ^a
Narrativa da ressurreição	23,56b-24,53

2.2. Divisão estrutural pormenorizada

O Prólogo (Lc 1,1-4) «é uma declaração de intenções. Lucas manifesta o que pretende com a sua narração sobre os feitos e ditos de Jesus: um relato fidedigno, com uma dedicatória a Teófilo»²⁷. Encontramos um autor que dá notícias sobre os seus antecessores e um conteúdo que justifica a obra, cujo objetivo terá sido o de afirmar a fé dos crentes²⁸.

²³ Obra que nos apresenta um outro exemplo de estruturação.

²⁴ Cf. Monasterio, *Evangelios sinóticos*, 299-300.

²⁵ Cf. Monasterio, 300.

²⁶ Cf. Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas*, vol. I, 227.

²⁷ Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas*, vol. I, 227.

²⁸ Cf. Schmid, *El Evangelio Segun San Lucas*, 14; Cf. Monasterio, *Evangelios sinóticos*, 301.

A Narrativa da Infância (Lc 1,5-2,52) apresenta-nos o nascimento e a infância de João Batista e de Jesus, através de uma certa simetria desequilibrada, e ainda a deslocação de Jesus a Jerusalém, já com 12 anos de idade. Importa também destacar que a narrativa da infância contém um certo carácter de prólogo teológico²⁹.

Zacarias e Isabel representam a comunidade pobre e oprimida. Deus, num ato de Se voltar para os pobres, dá a oportunidade a Isabel de conceber e dar à luz João Batista, abrindo o caminho para a chegada do Messias, que iniciará a história da libertação dos pobres.

A terceira parte apresenta-nos a Preparação do Ministério Público de Jesus (Lc 3,1-4,13) e relata a «apresentação, pregação e prisão de João Batista como prelúdio dos eventos que iniciam o ministério público de Jesus»³⁰. Neste excerto, encontramos a unção profética e o ministério dos profetas³¹; e de nada vale ter fé teórica, pois o julgamento baseia-se nas opções e atitudes concretas que cada um assume. A ideia de Lucas não é tecer duas vidas paralelas e é por isso que «imediatamente apresenta Jesus, o personagem principal, ao lado de João e depois atrás dele»³². Encontramos assim os «preliminares da atividade messiânica de Jesus»³³.

O ministério de Jesus na Galileia (Lc 4,14-9,50) é a quarta divisão de Fitzmeyer, e ele diz-nos que, nesta secção, encontramos «o campo da prática dos discípulos, que serão, mais tarde, aqueles que testemunharão o mestre»³⁴. Jesus é um Messias que cura (Lc 4, 14 - 6, 19) e que, de igual modo, também ensina (Lc 6, 20-49), servindo-se sempre das cidades da Galileia³⁵. Por fim, verificamos a transfiguração (Lc 9, 28-36), que revela a grandeza de Jesus como profeta e salvador³⁶, ficando desta forma completa a apresentação de Jesus antes do caminho para Jerusalém.

O relato do caminho de Jesus para Jerusalém (Lc 9,51-19,27) «ocupa a secção principal do evangelho (Lc 9,51-18,14); acrescenta-se a narração da viagem a Jerusalém, retirada dos outros sinóticos (Lc 18,15-19,27)»³⁷. O excerto do texto em estudo (Lc 16, 19-31) insere-se nesta divisão do caminho para Jerusalém e, como se verá adiante, no capítulo II, parecendo que Lucas escreve este texto para os destinatários e leitores ricos. Neste caminho para Jerusalém, Jesus é-nos relatado numa caminhada que tem como marca principal o início da sua morte-ressurreição-exaltação e, no caminho para Jerusalém «Ele aproxima-se da

²⁹ Cf. Bovon, *El Evangelio Según San Lucas*, vol. I, 29; Cf. Schmid, *El Evangelio Según San Lucas*, 15; Cf. Monasterio, *Evangelios sinóticos*, 301.

³⁰ Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas*, vol. I, 227.

³¹ Cf. Monasterio, *Evangelios sinóticos*, 301.

³² Bovon, *El Evangelio Según San Lucas*, vol. I, 29.

³³ Schmid, *El Evangelio Según San Lucas*, 15.

³⁴ Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas*, vol. I., 227.

³⁵ Cf. Bovon, *El Evangelio Según San Lucas*, vol. I, 30.

³⁶ Cf. Monasterio, *Evangelios sinóticos*, 301-302.

³⁷ Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas*, vol. I, 227.

consumação. Este é o caminho que os discípulos devem seguir para se realizarem plenamente com Jesus»³⁸.

Importa também realçar aquela que é a secção principal do evangelho:³⁹ falamos da presença da temática da oração (Lc 11, 1-13)⁴⁰, que abordaremos pormenorizadamente no capítulo III.

O ministério de Jesus em Jerusalém (Lc 19, 28 - 21, 38) ocorre antes da paixão e, nesta parte, encontramos «a entrada majestosa de Jesus na cidade, onde irá cumprir o seu destino; marca o início do seu ministério no templo de Jerusalém, antes dos acontecimentos que vão pôr fim à sua vida terrena»⁴¹. O leitor consegue encontrar, nesta secção, uma entrada majestosa e, de seguida, observa as últimas discussões de Jesus com os que se posicionavam como adversários, assim como o discurso da parusia, onde exorta à vigilância. Nesta sua entrada em Jerusalém, Jesus encaminha-se para o templo, do qual só sairá para a paixão⁴².

A Narrativa da Paixão (Lc 22, 1 - 23, 56a) relata aquela que é a última páscoa celebrada por Jesus, ou seja, Ele entrega-se totalmente em favor da humanidade, num gesto total de amor supremo, que liberta a humanidade de uma vida marcada pelo mal do egoísmo. Esta secção oferece-nos «o clímax do “êxodo” de Jesus, no qual começa a sua “ascensão” ao Pai»⁴³, e isso é perceptível no momento em que Lucas relata a fala de Jesus: «Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito» (Lc 23,46); este torna-se o momento mais alto do terceiro Evangelho, sendo a Sua morte sinal de libertação pelas mãos de Deus. Deste modo, temos um discurso parenético da paixão e morte⁴⁴, sendo Jesus o modelo de tudo o que ensinou.

Por último, temos a Narrativa da Ressurreição (Lc 23, 56b - 24, 53), na qual encontramos as mulheres a visitar o sepulcro; as aparições de Jesus ressuscitado aos discípulos de Emaús; a aparição aos discípulos, em Jerusalém; culminado com a ascensão. Esta secção relata a «exaltação de Jesus, na qual experimenta a sua própria glorificação, ao mesmo tempo que envia oficialmente os seus discípulos como testemunhas da sua pessoa e do seu carácter de Salvador, ascendendo ao Pai»⁴⁵, em Betânia, e, nessa mesma ascensão, abençoa-os com a missão iluminada pelo Espírito do Pai e de Jesus.

³⁸ Monasterio, *Evangelios sinóticos*, 301-302.

³⁹ Cf. Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas*, vol. I, 227.

⁴⁰ O Pai Nosso traz o espírito e o conteúdo fundamental de toda a oração cristã, uma oração que se faz numa enorme intimidade com Deus.

⁴¹ Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas*, vol. I, 227.

⁴² Cf. Schmid, *El Evangelio Segun San Lucas*, 16; Cf. Monasterio, *Evangelios sinóticos*, 302.

⁴³ Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas*, vol. I, 227.

⁴⁴ Cf. Monasterio, *Evangelios sinóticos*, 303.

⁴⁵ Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas*, vol. I, 227-228.

3. As Fontes de Lucas

Lucas inicia a redação do terceiro evangelho dispondo de fontes escritas, de diversos materiais e de numerosas informações de fontes próprias⁴⁶, tendo por base obras, algumas das quais dos seus antecessores. No entanto, acaba por fazer uma reestruturação, de forma a fazer a sua própria composição, para que sinta a redação como sua. Lucas é obrigado a olhar outros autores⁴⁷, uma vez que não foi discípulo de Jesus, ou seja, não testemunhou pelos olhos nem pelos ouvidos os acontecimentos de Jesus.

O evangelho de Marcos terá sido particularmente usado por Lucas, uma vez que se serve dele como base da estruturação do seu próprio evangelho. Percebe-se perfeitamente que Lucas «conservou em linhas gerais a ordenação de Marcos, apesar de ter omitido alguns dos versículos de Marcos»⁴⁸. Lucas utiliza 350 dos 661 versículos de Marcos⁴⁹, mas, apesar da omissão dos restantes, acaba por reproduzir fundamentalmente a sequência de Marcos. Desta forma, Lucas consegue tecer uma ordem com maior fidelidade que a de Mateus⁵⁰, e consegue inculcar «uma especificidade que não deixa insensível o leitor atento»⁵¹, acabando por fornecer elementos novos sobre a infância de Jesus, sobre os seus ensinamentos e sobre as aparições pascais (Lc 24, 13-53).

A tabela⁵² que se segue ajuda a perceber melhor a forma como Lucas utiliza o evangelho de Marcos como fonte.

Marcos	Lucas
1, 1-15	3, 1 - 4, 15
1, 21 - 3, 19	4, 31 - 6, 19
4, 1 - 9, 40	8, 4 - 9, 50
10, 13 - 13, 32	18, 15 - 21, 33
14, 1 - 16, 8	22, 1 - 24, 12

Além da enorme aproximação à estrutura de Marcos, Fitzmyer destaca também o uso da fonte “Quele” (Q), ou seja, de material comum entre Lc e Mt. Lucas teria usado ainda uma

⁴⁶ Lucas admite isso mesmo em 1,3.

⁴⁷ Cf. Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas*, vol. I, 121.

⁴⁸ Schmid, *El Evangelio Segun San Lucas*, 17.

⁴⁹ Cf. Schmid, 17.

⁵⁰ Cf. Bovon, *El Evangelio Segun San Lucas*, vol. I, 36.

⁵¹ Correia, *Os Livros da Biblia*, Vol II, 29.

⁵² Cf. Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas*, vol. I, 123-124.

fonte particular, designada com a abreviatura “L”⁵³. Percebemos então que Lucas redige todo o seu texto numa constante alternância entre as suas fontes⁵⁴. Contudo, não podemos esquecer que Lucas era possuidor de «muito material próprio, oriundo seja da tradição oral ou escrita, ou da sua autoria»⁵⁵.

A tabela⁵⁶ seguinte oferece alguns exemplos que permitem perceber melhor a ligação pela fonte “Q”, ou seja, a ligação do material comum entre Lucas e Mateus.

Título do Episódio	Mateus	Lucas
Pregação de João Batista	3, 7b-12	3,7 -9.3,16b-17
As tentações de Jesus	4, 2b-11 ^a	4, 2b-13
As Bem-Aventuranças	5, 3.6.4.12-12	6, 20-23
Pai Nosso	6, 9-13	11, 2-4
Eficácia da oração	7, 7-11	11, 9-13
Preocupação pelos bens terrenos	6, 25-33	12, 22b-31
Tesouro no Céu	6, 19-21	12, 33-34
Perdão	18, 21-22	17,3b-4

Desde o princípio se percebe que Lucas não procura ordenar todo o seu material de estudo de um modo estritamente cronológico. Acaba por suprimir algumas passagens que, no seu entender, eram de entendimento difícil para os leitores⁵⁷, uma vez que pretende destacar a necessidade de uma Igreja em perfeito entendimento com a sociedade. Com todos estes elementos, conseguimos entender que Lucas pretende redigir uma exímia obra teológica, destacando o caminho da oração. Acaba por alterar a cronologia de alguns acontecimentos para conseguir fazer uma ligação com o que vem depois (Mc 3,7-12.13-19 = Lc 6,17-19.12-16).

Além da combinação entre os evangelhos de Lucas-Marcos e Lucas-Mateus, como o referimos anteriormente, existem muitas outras fontes que são usadas e que correspondem a um 1/5 do evangelho de Lucas, destacando-se a tradição oral. Contudo, apesar de toda esta variação de fontes, importa destacar que o evangelho de Lucas é «uma obra com unidade

⁵³ Cf. Fitzmyer, 121.

⁵⁴ Cf. Bovon, *El Evangelio Según San Lucas*, vol. I, 36.

⁵⁵ Joaquim C. das Neves, *Deus existe? Uma viagem pelas religiões* (Lisboa: Editorial Presença, 2012), 222.

⁵⁶ Cf. Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas*, vol. I, 121.

⁵⁷ Cf. Schmid, *El Evangelio Según San Lucas*, 18.

interna, à qual o seu autor (Lucas) imprimiu de forma bem visível a marca do seu espírito, da sua arte literária e da sua individualidade religiosa»⁵⁸.

4. Redação do Evangelho: tempo e lugar

O terceiro evangelho terá sido escrito por Lucas, que era étnico-cristão, para leitores étnico-cristãos. Não podemos ter dele uma completa compreensão se não tivermos em atenção que o terceiro evangelho e o livro dos Atos são parte integrante de uma mesma obra, uma vez que Lucas, com o livro dos Atos, pretende dar destaque também aos acontecimentos referentes aos começos do cristianismo fruto da virtude do Espírito Santo⁵⁹.

4.1. Tempo da Redação

O evangelho de Lucas, no geral, é datado por alguns exegetas católicos no começo dos anos 60⁶⁰, um cálculo que tem a ajuda do livro dos Atos dos Apóstolos. Outros exegetas colocam a sua realização por meados da década de 80, e já iremos perceber por que motivo.

Precisamos de ter cuidado em não atrasar demasiado a data da sua redação, pelo facto de sabermos que «o autor do terceiro evangelho e do livro dos Atos dos Apóstolos foi efetivamente Lucas, natural de Antioquia da Síria, médico de profissão e, por algum tempo, companheiro de Paulo, e a aceitação de todos estes dados não implica necessariamente que se tenha de colocar a realização de ambos os livros numa data tão atrasada»⁶¹, ou seja, antes dos anos 70, até porque Lucas tem por base o evangelho de Marcos que terá sido redigido pelos anos 65-70⁶².

Autores como F. H. Chase, R. Koh, P. Parker, H. G. Russel, C. S. C. Williams colocam a hipótese de que o livro dos Atos dos Apóstolos tenha sido escrito antes do evangelho, isto é, estes autores falam na possibilidade de que o evangelho de Lucas já estivesse estruturado quando o livro dos Atos do Apóstolos foi redigido, no entanto, após a sua redação, Lucas «desenvolveu o esboço inicial do evangelho, usando uma cópia do relato de Marcos»⁶³.

Também não encontramos nenhum argumento que coloque as obras muito depois do ano 70, até porque o livro dos Atos «mostra-se completamente independente das cartas de

⁵⁸ Schmid, 22-23.

⁵⁹ Cf. Schmid, 39-40.

⁶⁰ Cf. Schmid, 40.

⁶¹ Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas*, vol. I, 100.

⁶² Cf. Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas*, vol. I, 101; Schmid, *El Evangelio Segun San Lucas*, 40.

⁶³ Cf. Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas*, vol. I, 101.

Paulo»⁶⁴, por isso, é preciso colocar a obra de Lucas numa data anterior à compilação e divulgação dos escritos de Paulo, até porque o livro dos Atos parece dar-nos a ideia de um desconhecimento da existência «do Corpus Paulinum»⁶⁵.

Assim sendo, a posição mais certa talvez seja pelos anos 80-85⁶⁶, pois, como já referimos, o seu conteúdo pressupõe uma data posterior ao evangelho de Marcos, e também porque pressupõe uma data posterior à destruição de Jerusalém, no ano 70.

4.2. O lugar da redação

Quanto ao lugar da redação do terceiro Evangelho, através de uma análise geográfica, começamos por notar que Lucas narra, agrupando uma série de eventos, numa mesma localização geográfica. Conseguimos perceber que, através de uma tradição antiga, a redação se terá dado na Acaya (Prólogo) e Beócia (Jerónimo)⁶⁷.

As imagens⁶⁸ abaixo permitem-nos perceber, geograficamente, a localização destas duas cidades.



⁶⁴ Schmid, *El Evangelio Según San Lucas*, 41;

⁶⁵ Monasterio, *Evangelios sinóticos*, 355.

⁶⁶ Cf. Fitzmyer, *El Evangelio Según Lucas*, vol. I, 107.

⁶⁷ Cf. Schmid, *El Evangelio Según San Lucas*, 41.; cf. Monasterio, *Evangelios sinóticos*, 356.

⁶⁸ Cf. «Cristandades não Paulinas no Século I d.C.», em *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, ed. Rogério Moreira, 2ª ed. (Lisboa: Edições Zairol, 1989), 178-179; «As cidades de Paulo», em *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, ed. Rogério Moreira, 2ª ed. (Lisboa: Edições Zairol, 1989), 174-175.



Existe um certo desconhecimento do local exato, mas o que parece ser comum em diversos autores é que a redação terá sido fora da Palestina⁶⁹, num contexto helenizado⁷⁰. A única coisa que parece ser indicada afirmativamente é que «se dirige a cristãos fora da Palestina»⁷¹. No entanto, podemos concluir que a interpretação do evangelho e também do livro dos Atos dos Apóstolos não depende da localidade em que foram escritos.

5. Destinatários da obra de Lucas

O evangelho de Lucas teve como destinatários os crentes que receberam formação na fé, agrupados em Igrejas. Na maioria, são cristãos de origem grega, pagã e judeo-cristã⁷², o que parece legitimar a dedicatória a Teófilo⁷³ (grego) e a ideia do destino universal da salvação. A comunidade do livro dos Atos dos Apóstolos terá sido formada por Lucas.

⁶⁹ Cf. Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas*, vol. I, 108.

⁷⁰ Cf. Monasterio, *Evangelios sinóticos*, 356.

⁷¹ Schmid, *El Evangelio Según San Lucas*, 41.

⁷² Cf. Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas*, vol. I, 108; Monasterio, *Evangelios sinóticos*, 357.

⁷³ Cf. Bovon, *El Evangelio Según San Lucas*, vol. I, 40.

A comunidade para a qual Lucas escreve o evangelho teria atenuado, de modo acentuado, a sua espera escatológica, correndo o risco de voltar à vida pagã, e, desta forma, apresenta sérias dificuldades em viver, no dia-a-dia, a vontade de Deus. Assim sendo, tem a necessidade de não se afastar da fidelidade a Cristo e à tradição autêntica. Por isso, se destaca a importância em aceitar a Palavra de Jesus, já que é ela que faz nascer e crescer a Igreja.

De realçar, ainda, que Lucas e Atos também pretendem defender a comunidade das heresias e sincretismos, incentivando ao discernimento, uma vez que se observa um preocupante e progressivo enfraquecimento da fé.

Estamos perante uma comunidade que precisa de conversão. No fundo, trata-se de uma finalidade catequética, pois era necessário dar resposta a problemas novos que a comunidade estava a viver. A resposta é uma catequese sobre o caminho da salvação, anunciado no Antigo Testamento por ação do Espírito, porque pelo espírito se consegue encontrar o caminho da redenção, ou seja, «Lucas não oferece apenas, em comparação com os evangelistas, uma quantidade consideravelmente maior de material em episódios particulares e nas palavras do Senhor, mas que a sua obra também abrange, na sua exposição, uma porção mais ampla do evento histórico da redenção»⁷⁴.

Lucas pretende demonstrar à sua comunidade que o grupo mais numeroso do movimento cristão não descende de um judeu renegado e apóstata, mas sim de um verdadeiro “mestre de Israel”⁷⁵. Esta posição servia para explicar aos cristãos, descendentes do paganismo, qual era a situação deles respetivamente a Israel, porque «não constituem um novo povo de Deus, mas formam parte do povo de Deus reconstituído»⁷⁶.

Podemos concluir que os destinatários da obra de Lucas não eram paganocristãos que viviam num âmbito judeu, mas sim que se encontravam num âmbito predominantemente pagão, porque até podiam existir alguns judeus ou judeocristãos, no entanto predominam os paganocristãos, sendo Teófilo um deles⁷⁷.

⁷⁴ Schmid, *El Evangelio Según San Lucas*, 40.

⁷⁵ Cf. Jacob Jervell, *Luke and the people of God: A new look at Lukes-Acts* (Augsburgo: Augsburg Fortress Pub, 1979), 173-174.

⁷⁶ Fitzmyer, *El Evangelio Según Lucas*, vol. I, 110.

⁷⁷ Cf. Fitzmyer, 111;

Capítulo 2 – Lc 16, 19-31: o texto e a intertextualidade

O texto que escolhemos para trabalhar só aparece, em Lucas, pelo que não é possível fazer comparação com outros textos da literatura sinótica. Depois de alguns elementos históricos, políticos e sociais, analisaremos a parábola do homem rico e do pobre Lázaro, partindo do texto em grego fixado por E. Nestlé e K. Aland⁷⁸. De seguida, apresentaremos uma possível tradução e a sua relação com outros textos, de forma a observar diferentes possibilidades de tradução e os diversos contextos em que se insere.

1. Texto grego e tradução⁷⁹

Tendo em conta que trabalhamos um texto bíblico apresentámo-lo na sua língua original e na tradução em língua portuguesa.

1.1. Texto original

19 Ἄνθρωπος δέ τις ἦν πλούσιος καὶ ἐνεδιδύσκετο πορφύραν καὶ βύσσον εὐφραϊνόμενος καθ' ἡμέραν λαμπρῶς

20 πτωχὸς δέ τις ὀνόματι Λάζαρος ἐβέβλητο πρὸς τὸν πυλῶνα αὐτοῦ εἰλκωμένος

21 καὶ ἐπιθυμῶν χορτασθῆναι ἀπὸ τῶν πιπτόντων ἀπὸ τῆς τραπέζης τοῦ πλουσίου ἀλλὰ καὶ οἱ κύνες ἐρχόμενοι ἐπέλειχον τὰ ἔλκη αὐτοῦ

22 Ἐγένετο δὲ ἀποθανεῖν τὸν πτωχὸν καὶ ἀπενεχθῆναι αὐτὸν ὑπὸ τῶν ἀγγέλων εἰς τὸν κόλπον Ἀβραάμ· ἀπέθανεν δὲ καὶ ὁ πλούσιος καὶ ἐτάφη

23 καὶ ἐν τῷ ἄδη ἐπάρας τοὺς ὀφθαλμοὺς αὐτοῦ ὑπάρχων ἐν βασάνοις ὄρᾳ Ἀβραάμ ἀπὸ μακρόθεν καὶ Λάζαρον ἐν τοῖς κόλποις αὐτοῦ

24 Καὶ αὐτὸς φωνήσας εἶπεν Πάτερ Ἀβραάμ ἐλέησόν με καὶ πέμψον Λάζαρον ἵνα βάψῃ τὸ ἄκρον τοῦ δακτύλου αὐτοῦ ὕδατος καὶ καταψύξῃ τὴν γλῶσσάν μου ὅτι ὀδυνῶμαι ἐν τῇ φλογὶ ταύτῃ

25 Εἶπεν δὲ Ἀβραάμ Τέκνον μνήσθητι ὅτι ἀπέλαβες τὰ ἀγαθὰ σου ἐν τῇ ζωῇ σου καὶ Λάζαρος ὁμοίως τὰ κακά νῦν δὲ ὧδε παρακαλεῖται σὺ δὲ ὀδυνᾷσαι

26 καὶ ἐν πᾶσι τούτοις μεταξύ ἡμῶν καὶ ὑμῶν χάσμα μέγα ἐστήρικται ὅπως οἱ θέλοντες διαβῆναι ἔνθεν πρὸς ὑμᾶς μὴ δύνωνται μηδὲ ἐκεῖθεν πρὸς ἡμᾶς διαπερῶσιν

⁷⁸ Cf. Erwin Nestle, Eberhard Nestle e Kurt Aland, *Novum Testamentum Graece* (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1995), 214-215.

⁷⁹ Usámos a tradução da Conferência Episcopal Portuguesa.

27 Εἶπεν δὲ Ἐρωτῶ σε οὖν πάτερ ἵνα πέμψῃς αὐτὸν εἰς τὸν οἶκον τοῦ πατρός μου
28 ἔχω γὰρ πέντε ἀδελφούς ὅπως διαμαρτύρηται αὐτοῖς ἵνα μὴ καὶ αὐτοὶ ἔλθωσιν εἰς
τὸν τόπον τοῦτον τῆς βασάνου
29 Λέγει δὲ Ἀβραάμ Ἔχουσι Μωϋσέα καὶ τοὺς προφήτας ἀκουσάτωσαν αὐτῶν
30 ὁ δὲ εἶπεν Οὐχὶ πάτερ Ἀβραάμ ἀλλ' ἐάν τις ἀπὸ νεκρῶν πορευθῆ ἡ πρὸς αὐτοὺς
μετανοήσουσιν
31 Εἶπεν δὲ αὐτῷ Εἰ Μωϋσέως καὶ τῶν προφητῶν οὐκ ἀκούουσιν οὐδ' ἐάν τις ἐκ
νεκρῶν ἀναστῆ πεισθήσονται

1.2. Tradução

¹⁹«Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino, banqueteadando-se dia após dia esplendidamente.

²⁰Um pobre, de nome Lázaro, jazia ao seu portão, coberto de chagas,

²¹desejando saciar-se do que caía da mesa do rico, mas até os cães vinham lambe-lhe as chagas.

²²Ora, aconteceu que o pobre morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado.

²³Então no inferno, estando em tormentos, ao levantar os olhos viu Abraão de longe e Lázaro no seu seio.

²⁴E ele, gritando, disse: "Pai Abraão, tem misericórdia de mim e envia Lázaro para que molhe a ponta do seu dedo em água e me refresque a língua, porque estou atormentado nestas chamas".

²⁵Disse Abraão: "Filho, recorda-te que recebeste os teus bens durante a tua vida e, de igual modo, Lázaro os males. Agora, é aqui consolado enquanto tu és atormentado.

²⁶Além de tudo isso, um grande abismo foi fixado entre vós e nós, de modo que os que querem passar daqui para vós não podem, nem os daí podem atravessar até nós".

²⁷Mas ele disse: "Peço-te, então, pai, que o envies à casa do meu pai,

²⁸pois tenho cinco irmãos, a fim de os advertir, para que não venham também eles para este lugar de tormento".

²⁹Disse Abraão. "Têm Moisés e os Profetas. Que os ouçam!"

³⁰Mas ele disse: "Não, pai Abraão; se alguém de entre os mortos for ter com eles, hão de converter-se".

³¹Disse-lhe, então: "Se não ouvem Moisés e os Profetas, também não se convencerão se alguém ressuscitar dos mortos"».

2. Análise morfológica

Sabemos que o Evangelho de Lucas é muito rico, no seu vocabulário. Possui mesmo termos que adquirem variados sentidos. Por conseguinte, debruçamo-nos sobre alguns que, neste texto em particular, poderão acrescentar algo à sua compreensão teológica.

a) O primeiro é *πλούσιος* que, no v. 19, se traduziu por “rico”. Trata-se de um adjetivo. No texto, o rico não tem nome, pretendendo Lucas demonstrar os perigos da riqueza para todos, realçando o ideal do cristão, ou seja, uma abertura a uma certa renúncia⁸⁰. Para Lucas, o rico é um herói infeliz «que se esquece da precariedade da vida»⁸¹.

b) Outro termo usado é *ἐβέβλητο* (v. 20). Trata-se do verbo *βάλλω* que significa “lançar”. No texto, *ἐβέβλητο* é traduzido por “jazia”; outras traduções optam por «estava caído à porta»⁸². O uso deste verbo «não deixa de conferir à situação uma conotação negativa, confirmada pelo participio *εἰλκωμένος*»⁸³. No fundo, o verbo pretende demonstrar o rebaixamento a que o pobre estava sujeito, esperando a morte.

c) No versículo 22, o texto mostra que o rico foi “sepultado” (*ἐτάφη*), embora outras traduções optem por «enterrado»⁸⁴. O verbo *θάπτω*, aqui usado, irá contrapor com outro verbo no mesmo versículo – *ἀπενεχθῆναι*, que no texto é traduzido como “carregado/levado”. O verbo *ἀποθνήσκω*, usado na morte, demonstra que ambos sofreram a mesma sorte: pela primeira vez, partilham algo⁸⁵; contudo o verbo *ἐτάφη* usado para o rico e o verbo *ἀπενεχθῆναι* usado para o pobre demonstram que, de imediato, é criada uma nova separação.

d) No versículo 23, o texto mostra-nos que o rico “viu” Abraão, através do verbo *ὄρᾳ*, contrapondo com o facto de, enquanto vivo, não ser capaz de ver o pobre que jazia ao seu portão.

e) Ainda no versículo 23, o rico vê Abraão, mas o texto mostra-nos que é “de longe” que tal acontece. O advérbio *μακρόθεν* evidencia uma certa distância criada entre o rico e Abraão, iniciada com os seus atos em vida.

f) O advérbio “de longe”, referido no versículo 23, está interligado com a distância realçada no versículo 26, através do substantivo neutro *χάσμα*. Este demonstra claramente a existência de um “abismo” que se cria. Abraão, em certa medida, fala do céu e do inferno; contudo, pode aqui também estar a salientar-se o fosso que existe entre os que têm e os que

⁸⁰ Cf. François Bovon, *El Evangelio Según San Lucas*, vol. III (Salamanca: Ediciones Sígueme, 1995), 143.

⁸¹ Bovon, 143.

⁸² *Bíblia Sagrada (edição Pastoral)*, 9ª ed. (Lisboa: Paulus Editora, 2015), 1495.

⁸³ Bovon, *El Evangelio Según San Lucas*, vol. III, 153.

⁸⁴ *Bíblia Sagrada (edição Pastoral)*, 1495.

⁸⁵ Cf. Bovon, *El Evangelio Según San Lucas*, vol. III, 143

não têm. O substantivo neutro *χάσμα* é usado neste versículo e consegue salientar a distância criada entre os pobres e os ricos.

g) Recuando ao versículo 24, o texto mostra que, pela existência do abismo, o rico sente a necessidade de gritar. O verbo *φωνήσας* demonstra que o rico, “gritando” pelo pai Abraão, consegue encurtar a distância, mas não a vence.

h) Abraão designa o rico como “filho”, através do substantivo neutro *τέκνον*. Numa tradução literal, este vocábulo significa “criança” ou “um descendente”. Apesar do abismo existente entre ambos, o Pai Abraão não esquece a descendência e, num golpe ternurento, trata o rico por filho, uma vez que o próprio rico lhe chama “Pai Abraão”.

i) O verbo *ὀδυνάω*, usado no versículo 25, é importante, mostrando a inversão de papéis que a morte vem trazer. Abraão di-lo diretamente ao rico. Agora é o rico “atormentado” – com este verbo é comunicada ao leitor a ideia de que o rico está a sofrer a dor do tormento que foi a sua vida, uma vida sem a prática contemplativa das Escrituras e, de igual modo, uma vida sem oração, uma vez que as Escrituras têm a capacidade de encaminhar a essa prática orante. Pelo contrário, no mesmo versículo, é-nos relatado Lázaro a ser consolado por Abraão, mediante o verbo *παρακαλέω*.

j) Por último, importa também destacar, no versículo 29, o verbo *ἀκουσάτωσαν*. Abraão diz: «Que os ouçam»⁸⁶. Outras traduções optam por «Que os escutem!»⁸⁷, uma tradução do verbo *ἀκούω* que, pessoalmente, me agrada mais, uma vez que, pela escuta, somos capazes de interiorizar a palavra, sendo isso a que, no fundo, Abraão exorta.

3. Enquadramento da parábola

Enquadrar a parábola do rico e de Lázaro com o resto do evangelho de Lucas é um trabalho delicado, uma vez que a parábola aparece sem qualquer enquadramento com o que vem antes e o que se lhe segue. Na parábola, encontramos uma crítica à sociedade classicista, e entendemos que os seus destinatários são os fariseus⁸⁸ e que toda a passagem possui um carácter individualista⁸⁹, algo que sucede também noutros textos de Lucas.

Após Jesus comentar o divórcio com os fariseus, a parábola em estudo, parece não ter enquadramento temático; pelo contrário, é colocada exatamente aqui porque Lucas pretende

⁸⁶ *Bíblia, Os Quatro Evangelhos e os Salmos: Ad Experimentum* (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2019), 235.

⁸⁷ *Bíblia Sagrada (edição Pastoral)*, 1496.

⁸⁸ Cf. Joseph A. Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas: Traducción y Comentario*, vol. III (Madrid: Ediciones Cristiandad, 1987), 747.

⁸⁹ Cf. Schmid, *El Evangelio Según San Lucas*, 383

demonstrar a exigente e profunda transformação que a sociedade precisa de acolher, de modo a criar uma sociedade onde haja partilha de bens entre todos.

3.1. O enquadramento no capítulo 16

Nos vv. 1-13, Jesus elogia o administrador que é capaz de tomar uma decisão prudente. Aí é recomendado o uso da riqueza de forma a favorecer os mais pobres, ou seja, surge a necessidade de exercer uma decisão: servir a Deus ou servir às riquezas. Deste modo, percebemos que, «embora a parábola comece abruptamente, sem qualquer tipo de transição, após as máximas sobre o divórcio»⁹⁰, encerra uma temática iniciada com o capítulo 16 de Lucas. A partir destes versículos, percebemos um certo enquadramento com a parábola do rico e do pobre, Lázaro. Vejamos que «por uma parte, ilustra a recomendação de Jesus sobre o uso astuto dos bens materiais e, por outra, dá um novo sentido ao ditado sobre as moradas eternas»⁹¹.

Entre os vv. 19-26 percebemos que «Jesus enuncia claramente a disparidade de destinos na vida futura; o uso ou abuso dos bens materiais terá a sua contrapartida pertinente além da morte»⁹². O rico que usufruiu dos seus bens sem clemência pelos pobres é colocado longe de Abraão, ou seja, é afastado do reino de Deus. Assim sendo, o v. 13, que é anterior a esta parábola, destaca esse afastamento, ao afirmar que o ser humano não pode viver no serviço a Deus e ao dinheiro (cf. Lc 16, 13).

Poderíamos ligar esta parábola com os fariseus do v. 14⁹³, aos quais Jesus critica pelo modo como valorizam o dinheiro, contudo, «as advertências de Jesus não são dirigidas exclusivamente aos fariseus... mas sim abertura a novos destinatários, especificamente aos discípulos, às gerações cristãs»⁹⁴.

⁹⁰ Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas*, vol. III, 747

⁹¹ Fitzmyer, 751

⁹² Fitzmyer, 752

⁹³ «¹⁴Os fariseus, que eram amigos do dinheiro, ouviam tudo isto e troçavam dele». (Lc 16, 14).

⁹⁴ Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas*, vol. III, 753

3.2. Enquadramento genérico no Evangelho de Lucas

Analisando com atenção o evangelho de Lucas, não nos ficando apenas pelo capítulo 16, é notório o contraste existente entre a riqueza e a pobreza. Se começarmos pelo início do evangelho de Lucas, vemos que:

o magnificat já havia anunciado o primeiro (1, 46-55); as Bem-Aventuranças, seguidas das desgraças, o segundo (6, 20-26). Lucas, seguindo o seu relato da grande jornada e inspirando-se em seu próprio material, recordou os perigos da riqueza e o ideal cristão da renúncia (12, 33-34; 14, 33); também transmitiu uma parábola cujo infeliz herói é um homem rico que esquece a precariedade da vida (12, 16-21) e, por fim, construiu sabiamente o seu capítulo 16 [...] colocando uma parábola, a apologia da liberalidade (v. 1-9), em comparação com outra que confirma o resultado fatal da propriedade egoísta⁹⁵.

A partir desta leitura de François Bovon, conseguimos perceber que Lucas tem muito bem delineada, desde o início, a linha que pretende tecer, isto é, tendo em conta a sociedade corrompida que observa, pretende a correção de uma cegueira material que, conseqüentemente, conduz a uma cegueira espiritual, no uso orante das Escrituras.

Para Bovon, torna-se um pouco complicado especificar um gênero literário neste relato, visto que «não é introduzida por uma fórmula de comparação (cf. 13, 18.20) e não termina com uma moral (cf. 12 21) ou um incentivo à imitação (cf. 10, 37)»⁹⁶. Segundo Bovon, encontramos um certo clímax⁹⁷, ou até mesmo um duplo clímax: falamos do resultado da vida sem Deus; e falamos da permanência da lei e a conversão ética. Percebe-se que Lucas enquadra este texto para os destinatários e leitores ricos, mais precisamente para pagãos do que para judeus.

⁹⁵ Bovon, *El Evangelio Según San Lucas*, vol. III, 143.

⁹⁶ Bovon, 145.

⁹⁷ Cf. Bovon, 145-146.

4. Comparação com outros textos

A parábola do rico e do pobre Lázaro somente é relatada por Lucas, pelo que se torna impossível elaborar uma comparação concreta com os restantes autores dos Sinóticos.

No entanto, procuramos algumas comparações com outras passagens da Sagrada Escritura: com relatos de clamor orante, por parte de quem é pobre e, mesmo assim, alimenta o desejo ardente de se saciar e enriquecer em Deus; relatos de quem pretende aumentar a sua fé, através da confiança que é depositada no Senhor; relatos da cegueira dos ricos em relação aos pobres indefesos.

Pretendemos estabelecer uma separação entre os que rejeitam a Deus e os que clamam pelo seu auxílio, duas perspectivas que são, neste momento, analisadas, porque no texto em estudo é notória a vida luxuosa do rico. Há um desleixo particular pelas Escrituras, ou seja, não está patente uma prática meditativa, pois se assim sucedesse aquele rico teria acudido ao pobre que estava ao seu portão, passando a praticar a misericórdia que as Escrituras ensinam, mas nem isso ele viu, tão cego que estava pelo supérfluo. Uma cegueira que o conduziu a um abismo profundo, isto é, a um vazio criado pelo esquecimento de Deus (Deus também se faz presente nos mais necessitados). No mesmo texto, há também um certo abismo criado após a morte; contudo, aqui, os lados invertem-se, sendo o rico aquele que necessita de pedir auxílio a Abraão.

Em Lc 16, 31, percebemos que «a salvação implica uma reação de fé, de aceitação da palavra de Deus, que se manifesta na lei e nos profetas»⁹⁸, e essa fé deve ser sustentada pela oração constante e na esperança do resgate do Senhor.

4.1. O sufoco dos ricos

A ganância dos poderosos gera injustiça sobre os mais fracos. Aqui serão retratados exemplos que demonstram a pejoração aplicada pelos ricos, sendo que estes não têm o direito de extorquir o que pertence aos pobres.

4.1.1. Exploração dos ricos no livro dos Reis (1 Re 21)

Um terreno que um israelita possui é sinal de pertença ao povo, uma vez que demonstra dignidade e clarifica a própria identidade. Na leitura deste texto, torna-se óbvia a ganância de Acab e de sua esposa Jesabel, que, para a satisfazerem, acabam por manipular a religião e a

⁹⁸ Fitzmyer, *El Evangelio Segun Lucas*, vol. III, 754.

justiça. É o profeta quem defende os pobres, visto que facilmente se tornam vítimas dos abusos de poder dos ricos. Nabot é oprimido, mas é ele quem possui a verdadeira riqueza de coração⁹⁹.

Se analisarmos bem, vemos de um lado um rico que, mesmo assim, vive amargurado e insatisfeito com os seus bens; do outro, encontramos um pobre que, sem a imensa riqueza do rei, vive na maior alegria com a sua vinha¹⁰⁰ que, para ele, era suficiente.

Tal como no texto em estudo, nos deparamos com a justiça compassiva sobre Lázaro, também nesta passagem vemos um Deus justo e compassivo que mantém as suas promessas. Contudo, impõe-se ter a capacidade de «atuar de modo que, permanecendo dignos com a nossa conduta, mereçamos receber as promessas do Deus onipotente»¹⁰¹. Tal conduta não foi levada a cabo pelo rico da parábola, que foi indigno no uso dos seus bens. O mesmo sucede na separação abismal entre ele e Lázaro, após a morte, pois encontramos um rico que pretende dar continuidade ao abuso sobre os pobres. Percebemos tal facto quando o rico pede para que Lázaro vá ao seu encontro molhar-lhe a língua, e quando pede para que Lázaro vá ao encontro dos seus irmãos.

Assim sendo, com esta passagem da vinha de Nabot, o profeta pretende realçar a necessidade da fidelidade a Deus, que leva à bênção e à prosperidade, já que a infidelidade do coração leva à maldição e à ruína. Na história, alguns profetas são relatados como simples instrumentos nas mãos dos seus governantes; aqui, o profeta realça a palavra de Deus, defendendo a justiça e o direito.

4.1.2. Exploração dos comerciantes em Am 8, 4-8 e em Is 5, 8-25

No texto do profeta Amós, deparamo-nos com mais uma denúncia de alcance social. Os comerciantes, gananciosos e centrados em si próprios, praticavam fraudes sobre os mais pobres, pois estes não lhes importavam. Amós demonstra que, quanto mais nos centramos em nós mesmos, ao contrário de olhar pelos mais necessitados (cf. Am 3, 15; 4, 1s; 6, 4-6), mais próximos estaremos da nossa própria destruição. Vejamos a dimensão desta ganância que leva a que, mesmo num dia de festa, que havia de ser dia de descanso, «os comerciantes encarregavam-se de torná-lo produtivo, benéfico para eles, à custa dos outros; acima de tudo dos necessitados»¹⁰².

⁹⁹ Cf. Miguel García García et al., *La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia y otros Autores de la Época Patristica. Antiguo Testamento: 1-2 Reyes, 1-2 Crónicas, Esdras, Nehemías* (Madrid: Ciudad Nueva, 2015), 187.

¹⁰⁰ Cf. García et al., *La Biblia Comentada*, 188.

¹⁰¹ García et al., 192.

¹⁰² Luis Alonso Schökel et al., *Profetas: Comentario*, 2ª ed., vol. II (Madrid: Cristiandad, 1987), 988.

Amós pretende destacar um viver desumano, em que nem o descanso é respeitado, com o intuito de confortar a ganância. Este tipo de comércio cria distanciamento nas pessoas, acabando por envenenar as relações humanas¹⁰³, um certo abismo como o relatado no texto em estudo. No fundo, pretende-se demonstrar que todos sejamos exemplo do interesse de Deus pelos que são mais pobres, ou melhor, ter os pobres como referência, como exorta Lucas, ao longo do seu evangelho.

Amós demonstra uma certa preocupação com a injustiça como paradigma social relativamente à exploração. No fundo,

o que Amós combate não é a riqueza, mas os métodos usados para obter e a ganância desenfreada de uns à custa dos outros que não olham a meios para alcançar os seus objetivos; A corrupção da justiça, o que impede que os explorados se defendam; O culto ao serviço das injustiças, já que são os poderosos que o sustentam e dele se servem¹⁰⁴.

Com isto, o profeta destaca a culpa social¹⁰⁵ e não somente a culpa pessoal. Percebemos que «procura evidenciar a condição igualitária de todo o homem, pelo que a injustiça é um atentado contra esta condição de que Deus é o último garante»¹⁰⁶, logo o profeta realça que o dinheiro roubado aos pobres era usado para adorar a Deus, do mesmo modo que adoravam os deuses estrangeiros. Assim dizendo, prestavam um certo adorar fictício a Deus, já que ignoravam a exigência de cuidar do próximo, sendo este o centro da hipocrisia. Os pobres, os marginalizados, os excluídos e os humildes, em lugar de serem cuidados, eram desprezados pelo rei, pelos ricos e alguns dos sacerdotes (cf. Am 2, 6-8).

Amós defende que o luxo e a injustiça são um atentado ao código da aliança¹⁰⁷, e com esta denúncia pretende «a conversão do indivíduo; a construção de uma sociedade fraterna, justa, sem diferenças de classe; não ousando mudar a sociedade como tal, então procura justificar o castigo iminente de Deus»¹⁰⁸.

No texto do profeta Isaías, é-nos relatada a corrupção e a ambição dos poderosos que recai sobre a terra de Deus e dos pobres. Com a corrupção, o senso moral permanece pervertido e as injustiças aumentam. A ganância de uns prejudica outros, tratando-se de uma «grave injustiça contra o próximo e contra Deus...»¹⁰⁹. Parece que presenciamos uma certa

¹⁰³ Cf. Schökel et al., *Profetas: Comentario*, vol II, 988.

¹⁰⁴ João Duarte Lourenço, *Sufrimento e Glória de Israel: Is e sua Interpretação do Judaísmo Antigo* (Lisboa: Didaskalia, 1996), 187.

¹⁰⁵ Cf. Lourenço, *Sufrimento e Glória de Israel*, 187.

¹⁰⁶ Lourenço, 197-198.

¹⁰⁷ Cf. Lourenço, *Sufrimento e Glória de Israel*, 198.

¹⁰⁸ Lourenço, 199.

¹⁰⁹ Luis Alonso Schökel et al., *Profetas: Comentario*, 2ª ed., vol. I (Madrid: Cristiandad, 1987), 136

vontade de desafiar o próprio Deus. Isaías pretende também criticar as injustiças sociais da classe rica para com os pobres e, deste modo, realçar que Deus possui um plano para todos: ricos e pobres, poderosos e oprimidos; ou seja, todos teriam uma missão a cumprir. Do mesmo modo que Amós, Isaías vive preocupado com «a situação social e religiosa: as injustiças, as arbitrariedades dos juizes, a opressão dos governantes, a cobiça e a falsa piedade e as abundantes práticas religiosas que pretendem encobrir esta situação»¹¹⁰.

4.1.3 A verdadeira riqueza a partir do evangelho de Marcos (Mc 10, 17-31)

O texto de Lucas que estamos a estudar mostra-nos que nem a lei nem os profetas são escutados. Neste texto de Marcos, percebemos a necessidade de crescer na verdadeira riqueza. Jesus demonstra que, para entrar no reino¹¹¹, é preciso mais do que observar leis ou regras. Sendo o Reino um dom de Deus para a humanidade, então tudo nele deve ser partilhado, isto é, devem ser repartidas as riquezas em vista de uma igualdade, contra um certo sistema de classes.

É preciso que se faça um caminho de entrega total, ou seja, um caminho de sacrifícios, tomando a cruz numa atitude de disponibilidade para aderir ao certo – falo da justiça, serviço e compaixão pelos pobres. Este é o caminho que conduzirá à verdadeira liberdade e paz interior. Apesar da envolvente, mas cega riqueza na qual vivia, percebemos que o rico exposto no texto de Marcos, ao contrário do rico do texto de Lucas, como judeu piedoso que era, sabia perfeitamente que o caminho da vida está traçado na Lei¹¹², contudo pretende ouvir de Jesus uma verdadeira interpretação dos preceitos nela presentes. A resposta de Jesus é clara: fale-lhe apenas dos mandamentos «da segunda tábu, que contém a referência aos deveres para com os outros, sem acrescentar qualquer tipo de explicação»¹¹³ e, embora a crença dele lhe garanta um cumprimento destes preceitos, mencionados por Jesus, percebemos que o jovem rico não se encontra totalmente satisfeito. Então, Jesus pede-lhe que se despenda das riquezas para o seguir, baseada numa renúncia preliminar das próprias riquezas, como haviam feito alguns dos seus discípulos.

Através do desprendimento, o jovem rico conseguirá a verdadeira liberdade interior. Contudo, ele sente que esse é um sacrifício demasiado doloroso, uma vez que possui uma vasta riqueza capaz de o sufocar e tornando-o fraco ao ponto de se separar de tais posses. Para o judaísmo dos fariseus, «a riqueza era uma bênção de Deus, uma recompensa pela piedade,

¹¹⁰ Lourenço, *Sofrimento e Glória de Israel*, 228.

¹¹¹ Reino esse que o rico, na parábola de Lucas, desejava.

¹¹² Cf. Josef Schmid, *El Evangelio Según San Marcos* (Barcelona: Herder, 1967), 276.

¹¹³ Schmid, *El Evangelio Según San Marcos*, 277

desde que não impedisse o estudo da lei nem conduzisse à dureza de coração»¹¹⁴. Assim sendo, as palavras de Jesus não terão sido fortemente acolhidas, ao ponto do jovem se converter, visto que não via impedimento nas suas posses.

Com o exemplo deste jovem rico, Jesus pretende mostrar que o desapego em relação às riquezas é um meio para a salvação. Em Lucas, percebemos que a soberba do rico causou um abismo entre ele e Abraão, que se encontra no Reino dos Céus. Neste texto de Marcos, Jesus comprova esse relato ao afirmar que «será difícil aos que têm riquezas entrar no reino de Deus!» (Mc 10, 24.). Essa mesma dificuldade é mostrada claramente com o exemplo do camelo e do buraco de uma agulha (cf. Mc 10, 25), já que eram tidos como o animal maior e a abertura mais pequena, respetivamente. Contudo, Jesus transmite um sinal de esperança, ou seja, demonstra que, pela fé dos crentes, Deus é capaz de atribuir ao ser humano a força necessária para ser capaz desse afastamento.

A pobreza seria não para aproveitamento dos mais pobres, mas, pelo contrário, para «ornamento e bênção do justo, porque lhe dá meios de socorrer os pobres, de dar esmola»¹¹⁵, por isso é que os pobres são considerados felizes, visto serem herdeiros do reino de Deus.

Lucas é muito claro ao afirmar, na parábola em estudo, que o rico «ilustra a futilidade e o perigo das riquezas»¹¹⁶ em semelhança com alguns outros exemplos (cf. Lc 12, 16-21; 16, 1-13) e que, como se destacou anteriormente, pela graça de Deus, é possível a conversão de largar tudo (Cf. Lc 5, 11; 5, 28; 11, 41; 12, 33; 18, 22) para seguir Jesus.

A riqueza dos ricos era tida com uma espécie de ídolo, ficando, de certa forma, o ser humano dominado, a ponto de variadas crueldades para com os pobres¹¹⁷. Deus é quem pode dar ao ser humano a riqueza que é a própria vida, e ao adorar as riquezas como uma espécie de ídolo torna a vida, de certo modo, vazia. Assim sendo, devemos partir numa busca de promover relações de partilha e fraternidade, ao ponto de conseguir colocar as riquezas em favor dos pobres – seremos grandes nas grandes coisas, assim como nas pequenas, porque somos capazes de saber escolher entre o servir a Deus e o servir a riqueza (cf. Mt 6, 19-24).

4.2. Invocação do pobre em nome do Senhor

Não sendo valorizado pelos ricos, o pobre não perde o desejo ardente de encontrar auxílio no Senhor. Pela oração clama ao Deus altíssimo do profundo abismo para ser salvo,

¹¹⁴ Schmid, 278

¹¹⁵ Schmid, 281.

¹¹⁶ Schmid, 282

¹¹⁷ Cf. Schmid, *El Evangelio Según San Marcos*, 282

porque é na profundidade que ao gritar “Tu” chamamos a Deus¹¹⁸; prova disso mesmo são alguns dos textos escolhidos neste ponto. Ao estilo de Natanael, que debaixo da figueira (cf. Jo 1, 48) clama a Deus para que não Lhe esconda a face, pede o seu auxílio.

4.2.1. Louvor e ação de graças através dos Salmos (Sl 130; 138)

Os salmos são textos de oração judaica e, de igual modo, passam a pertencer à oração cristã, «textos litúrgicos de louvor e de ação de graças»¹¹⁹. Encontramos neles uma espécie de literatura universal, numa profunda beleza de oração, sendo este «um livro que condensa em si a vida de oração e de fé do povo de Israel»¹²⁰. Por isso é que muitos interiorizam a beleza dos salmos numa beleza de oração, deixando um pouco a lógica a fim de partir para uma escuta mais profunda do coração.

Orando profundamente este livro, somos capazes de fortalecer a nossa fé, de modo a imortalizá-la¹²¹, já que a sua leitura ajuda à reflexão pessoal. Nos Salmos, falamos de uma riqueza diferente, uma riqueza literária, da qual, ao nos assumirmos como pobres, também reconhecemos a necessidade de encontrar um abrigo, saboreando a riqueza do dia-a-dia da vida, que nos vem do auxílio do Senhor.

No salmo 130, encontramos uma oração de súplica no mais profundo abismo, mas também de esperança no Deus redentor. O pobre pecador estabelece um contacto com Deus¹²², na esperança de que Deus escute o orante e o perdoe, numa atitude de amor. Amor esse não só esperado da parte de Deus, mas também demonstrado pelo orante, que pede, numa atitude de humildade, não só por ele, mas também por todo o povo¹²³. Um pouco ao estilo de Natanael que, debaixo da figueira, clama a Deus para que não lhe esconda a face, mas sim, interceda em seu auxílio.

O orante está repleto de uma profunda angústia, mas, através do avançar da oração, sente a diminuição do abismo existente entre ele e Deus. É este abismo que o rico, no texto de Lucas, percebe que já não vai a tempo de encurtar, nem para si nem para os que lhe são próximos, embora ainda o tente. O mesmo não sucede com o salmista, que percebe que ainda

¹¹⁸ Cf. Guardini, *Introdução à Oração*, 36.

¹¹⁹ João Duarte Lourenço, *Salmos: Oração do Povo de Deus* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005), 44.

¹²⁰ Lourenço, 9.

¹²¹ Cf. Lourenço, 10.

¹²² Cf. Ángel González, *El Libro de Los Salmos*, 2ª ed. (Barcelona: Herder, 1977), 571.

¹²³ Cf. Hans-Joachim Kraus, *Los Salmos* (Salamanca: Sígueme, 1995), 684.

há tempo, daí clamar em oração a Deus, também pelos que lhe são próximos, pelo seu povo, numa atitude de solidariedade para com todos os humanos¹²⁴.

Pela oração «o Deus que primeiro é invocado de longe, revela-se próximo e salvando o seu povo»¹²⁵; o orante que se sentia perdido num certo abismo reconhece a sua fragilidade e permite ser elevado em busca do diálogo com Deus. O profundo abismo deve ser interpretado como a renúncia a si mesmo, procurando no seu próprio interior um grito de desejo pelo amor compassivo de Deus, e Deus, num ato repleto de amor, «sai ao encontro desta voz que se eleva do lado oposto ao céu: está com o ouvido atento, pronto a ouvir o mais leve sussurro»¹²⁶.

É óbvio que, à semelhança dos ricos, pela condição de criatura, também o pobre é pecador, só que ele tem noção disso e, por isso, intercede a Deus, sabendo que se há algo que caracteriza Deus é a sua capacidade de perdoar. Nesta atitude de querer com a sua voz chegar até Deus, consegue demonstrar que «a comunicação entre as profundezas do abismo e o ponto mais alto do céu é, portanto, possível. O grito que se eleva a partir da terra não se perde nos espaços infinitos; Deus o acolhe com amor»¹²⁷, e o abismo do pecado não impede a comunicação com o reino dos Céus, o que não se verifica no texto em estudo.

A maior riqueza que este pobre pretende encontrar é conseguir encurtar a distância abismal que existe entre ambos, sabendo que, da sua parte, apenas lhe resta «observar e estar ciente do que Deus faz»¹²⁸, baseado num ato de esperança, de liberdade e de sossego.

Depois da súplica, o reconhecimento da graça através do agradecimento. O pobre, mesmo não valorizado (desprezado) pelos ricos, não perde o desejo ardente de encontrar auxílio no Senhor. Pela oração, clama ao Deus altíssimo, e prova disso são os textos que aqui trabalhamos. No salmo 138, encontramos o mesmo ato de agradecimento, celebrado pela experiência do atendimento, num «canto de ação de graças pela providência de Deus para com os humildes»¹²⁹.

É perceptível que, numa espécie de grito, se percebe a intensidade sentida e a assistência de alguém. Contudo, o espanto maior está orientado para a medida sem medida da intervenção divina. Conseguimos perceber que, pela oração, o indivíduo «não fala por si mesmo, nem a sua libertação é algo insignificante: todos os humildes socorridos estão com ele, agradecendo e esperando¹³⁰». Por outras palavras, o orante convida outras pessoas a

¹²⁴ Cf. Ángel Aparicio, *Salmos 107-150* (Bilbao: Desclée De Brouwer, 2009), 231.

¹²⁵ González, *El Libro de Los Salmos*, 572

¹²⁶ Aparicio, *Salmos 107-150*, 227.

¹²⁷ Aparicio, 227.

¹²⁸ Kraus, *Los Salmos*, 689

¹²⁹ González, *El Libro de Los Salmos*, 598.

¹³⁰ González, 598.

participar da ação de graças, num encontro com um Deus que, apesar de ser transcendente, está sempre presente, de forma a separar o trigo do joio. Percebemos que o orante passou por diversas angústias, contudo Deus, que não desiste dele e escuta-o. Este cântico de ação de graças testemunha a ajuda milagrosa prestada por Deus e, de igual modo, testemunha uma confissão de fé perante a terna bondade de Deus¹³¹.

Em diversas ocasiões, o humano é aquele que cria um abismo entre si e Deus, quebrando assim qualquer possibilidade de ligação, levando ao esquecimento de que Deus tem a capacidade libertadora, refletida nos nossos atos passados. A experiência passada é agora aplicada a novas situações, onde Deus Se manifesta como libertador, e isso percebemo-lo nos versículos 7-8 do salmo 138, não esquecendo que «a salvação do passado, e a consequente ação de graças, é o primeiro fruto da salvação que se espera. Deus não pode deixar a sua obra pela metade: Ele completará, tanto individual quanto coletivamente»¹³².

No texto de Lucas em estudo, apesar de todo o sofrimento sentido, e de não haver mais forma alguma de prostração, é nesse gesto, prostrado no chão junto ao portão do rico, que Lázaro não esquece o Senhor. Mesmo já quase sem forças, não desiste de manter estável a ponte de ligação, na ânsia de um resgate por parte de Deus, que o livre do abismo. Este ato de prostração profunda no chão consegue «traduzir corporalmente a ação de graças que brota do coração. A pessoa que reza está longe do templo, em qualquer lugar da Palestina ou da diáspora, e se prostra em direção ao templo, como os muçulmanos rezam de frente para Meca»¹³³.

O ato de esperança e confiança no Senhor sobrepõe-se a qualquer outro sentimento¹³⁴. A vida é um borbulhar de sentimentos. Há sentimentos que nos embatem suavemente, do mesmo modo que o vento embate nas folhas das árvores, um vento que toca e se afasta imediatamente; contudo, há sentimentos e memórias que a mente não esquece, e o coração não apaga, porque esse vento também abranda e estabiliza, desde que estejamos abertos a essa brisa esperançosa de Deus. Pode até haver quem veja fraqueza nessa esperança, ou até mesmo uma certa ilusão, mas, num ato de inteira profundidade, percebemos o quanto estão enganados, já que é a nossa esperança que nos permite sobreviver, que nos deixa vergar, mas não quebrar. É a nossa esperança que nos permitirá vencer um dia, e é a nossa esperança que faz de nós humanos. Neste ato liberativo de esperança, Lázaro consegue encontrar refúgio no Senhor, uma vez que não tem medo de quem é da verdade, porque na verdade, ao contrário do rico, ele não tenta ser quem não é, e assim sabe que Deus o acompanha porque se importa

¹³¹ Cf. Kraus, *Los Salmos*, 747.

¹³² Aparicio, *Salmos 107-150*, 290.

¹³³ Aparicio, *Salmos 107-150*, 288.

¹³⁴ Cf. González, *El Libro de Los Salmos*, 139.

com ele. Também verificamos um pouco disso no salmo 138, visto que encontramos uma pessoa que ora e dá graças a Deus, elevando-se acima do horizonte da sua própria vida¹³⁵.

Deste modo, concluindo, percebemos que a salvação vem da esperança, e a vida desenvolve-se entre o “sim” e o “ainda não”, mas jamais no “nunca”, já que a esperança não o permite. A esperança é a espera confiante, forte e paciente, nas grandes promessas de Deus, a principal das quais é Ele mesmo. Deus vai alimentando e focando a esperança, mediante o consumo de promessas sucessivas: Deus promete algo, consuma essa promessa quando estamos preparados, e alarga o âmbito do nosso desejo para algo maior; por isso, depois da ação de graças termina num tom de súplica esperançosa, no versículo oitavo. Com isto, pretendo demonstrar que ação de graças é a reação espontânea ao que Deus fez na vida das pessoas e do indivíduo. «A ação divina refere-se ao amor de Deus. Como esse amor é eterno e leal, Deus completará o que já começou, e a ação de graças será contínua»¹³⁶, e quem a experiencia é Lázaro, no texto em estudo. Lázaro é agora consolado, recebendo a graça dos dons que tanto ansiava na sua íntima prostração, sempre numa lógica de gratidão, reencaminhada voluntariamente para Deus, e é pelo louvor que Deus é reconhecido por Lázaro, como Deus nas suas qualidades. Não pelo que fez, mas pelo que Deus é: amor.

4.2.2. Louvor por uma salvação acessível a todos (Rm 10, 5-21)

A força nova para superar a origem dos exageros e desvios é o projeto de Deus, testemunhado pelo Antigo Testamento (Lei e Profetas) e realizado em Jesus Cristo. De facto, as leis aparecem quando há exageros ou desvios, mas não dão nenhuma força nova para os superar. No texto de Lucas que estudamos, Abraão mostra ao rico que a observância da Lei não torna ninguém justo, pois a função da Lei é apenas tornar o ser humano consciente do seu próprio pecado. É com essa finalidade que Abraão convida à escuta de Moisés (Lei) e dos Profetas.

Esta passagem da carta de S. Paulo aos Romanos demonstra que Deus preparou tudo para conduzir Israel à salvação, faltando apenas o último elo da corrente, precisamente aquele que dependia da disposição de Israel: a fé. O povo de Israel, preparado para o encontro com Deus, não compreendeu a Sua Palavra. À semelhança desta passagem, temos um rico que tão pouco compreende a Palavra, ao contrário de Lázaro que é salvo pela misericórdia e fidelidade de Deus. Não são precisos muitos esforços, ou seja, subir ao céu ou descer aos

¹³⁵Cf. Kraus, *Los Salmos*, 749.

¹³⁶ Aparicio, *Salmos 107-150*, 291.

abismos¹³⁷ para conhecer a vontade de Deus, porque Deus veio ao nosso encontro em Jesus Cristo, mas nem todos o receberam.

Abraão tenta mostrar ao pobre rico que com todas as euforias não souberam reconhecer o caminho da salvação e da glória; nesta passagem, numa dinâmica semelhante, Paulo mostra que Israel não reconhece o seu Cristo e, dessa forma, torna-se difícil chegar à salvação¹³⁸. Se, por um lado, temos Paulo a desvelar um povo que observa em demasia a Lei, por outro, vemos alguém que nem a Lei reconhece. As semelhanças das duas passagens são bastante evidentes: em Lucas, temos Abraão a mostrar ao rico que não vai ser alguém que ressuscite dos mortos a mudar a mentalidade dos irmãos; de igual modo, Paulo mostra que Aquele que ressuscitou dos mortos (Cristo) também não foi suficiente para o povo de Israel. O que distingue ambas as passagens é somente a observância da Lei e dos Profetas.

No fundo, pretende-se destacar a necessidade da escuta em busca da salvação. O pobre, de nome Lázaro, não foi escutado pelo rico, mas sabemos que foi escutado pela misericórdia de Deus. É esta necessidade da escuta que Paulo nos tenta mostrar, pois, para ele, «a palavra que os apóstolos transmitem em nome de Cristo é a mesma palavra dele, que nos profetas, equivale à palavra de Deus»¹³⁹, sendo por essa Palavra que se encontra o caminho da salvação. Se a não escutarmos, «encontramo-nos na impossibilidade objetiva»¹⁴⁰

O Evangelho da salvação é acessível a todos, sem distinção, e está pronto para ser acolhido, a fim de libertar o homem e o conduzir a uma vida nova, num caminho de conversão, não esquecendo a oração, visto que, pela oração, Deus nos concede o Espírito Santo, tendo em nós a Sua força para nos convertermos.

¹³⁷ Cf. Karl Barth, *Carta a los Romanos*, trad. Abelardo Martínez de la Pera (Madrid: B.A.C., 2002), 450.

¹³⁸ Cf. Charles Perrot, *A Carta aos Romanos* (Lisboa: Difusora Bíblica, 1993), 60.

¹³⁹ Chantal Reynier, *Para leer: La Carta a Los Romanos*, trad. José Pérez Escobar (Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2012), 37.

¹⁴⁰ Barth, *Carta a los Romanos*, 460.

Capítulo 3: Um caminho de Oração

A universalidade da salvação encontra-se plenamente presente no evangelho de Lucas e isso verifica-se desde a infância de Jesus (Lc 2, 32), seguindo pelo anúncio do batismo (Lc 3,6), pelo dom do paraíso ao bom ladrão (Lc 23, 43), até à chegada do anúncio universal da conversão para o perdão dos pecados (Lc 24, 47). «A maior parte das vezes, o nosso pecado não é apenas deixarmo-nos aprisionar a males concretos, mas é perdermos uma medida alta, exigente e vigilante, a medida profética e inteira do Reino em nós»¹⁴¹ que faz com que o coração se desligue da inteligência; quando o coração e a inteligência estão unidos na oração, (...) o coração aquece-se com um calor espiritual e a luz de Cristo resplandece nele, enchendo de paz e alegria o homem interior» (São Serafim de Sarov).

Tudo isto se sustenta no amor de Deus para com a humanidade e a fonte de amor não sou eu, mas Deus¹⁴², porque o amor transcende a fronteira entre o “sujeito” e “objeto”. Deus está sempre a perdoar e, a partir a Cruz, há uma avalanche de perdão que cada um se há-de predispor a acolher. O importante é predispor-nos a aceitar o amor de Deus e nisso tem um papel preponderante o orientador espiritual: «A arte do pai Espiritual consiste em endireitar com amor o que está assim distorcido»¹⁴³.

No fundo, falamos da capacidade de criar um diálogo tu a Tu¹⁴⁴, com falas espontâneas, com Deus. Contudo, esta dimensão de estabelecer oração como diálogo, estará sempre dependente de qual é a imagem que o orante tem de Deus¹⁴⁵.

1. O caminho da salvação

Lucas é o evangelista que nos apresenta a oração como caminho que se abre à salvação. Ou seja, mostra-nos a «libertação de toda a espécie de mal, em particular do pecado e da perdição eterna e uma relação de amizade e de comunhão com Deus»¹⁴⁶.

Aquilo que nos encaminha a rezar é dom do Espírito Santo, à semelhança de Jesus que constantemente se entregava à oração (Lc 3, 21; 6, 12; 9, 18; 10, 21; 11, 1). Esta entrega tem a capacidade de transformar a monotonia do tempo em momento de salvação, pois, como referi

¹⁴¹ José Tolentino Mendonça, *O Tesouro Escondido: Para uma arte da procura interior* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2019), 21.

¹⁴² Cf. Halík, *Quero que Tu sejas!*, 22.

¹⁴³ André Louf, *Ao ritmo do absoluto: Viver em Oração* (Braga: Editorial A. O., 1999), 110.

¹⁴⁴ Cf. Papa Francisco, *A Oração: Alento da Vida Nova* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2020), 22.

¹⁴⁵ Cf. Pablo Marti, *Teología Espiritual: Manual de Iniciación*, 2ª ed. (Madrid: Ediciones Rialp, 2006), 125.

¹⁴⁶ Paolo Gironi, «Linne fondamentali della teologia di Luca», em *Nuovo Dizionario di Teologia Biblica*, ed. Pietro Rossano, Gianfranco Ravasi e Antonio Girlanda, 8ª ed. (Catania: San Paolo Edizioni, 1996), p.853.

acima, torna possível o diálogo tu a Tu – um diálogo entre Deus e o orante. Claro que este diálogo com Deus exige tempo, uma vez que, só dessa forma, O conseguimos conhecer melhor, porque no fundo trata-se de «uma oração como de um amigo para outro amigo»¹⁴⁷. E nunca nos podemos esquecer que «quando um homem na sua profundidade mais íntima, gritasse “Tu!”, na imensidade da existência, é a Deus que chamaria»¹⁴⁸.

Assim, a oração deve ser vista numa perspectiva de diálogo com um amigo, para que possamos abrir o coração a esta prece, ao ponto de nos conseguirmos «retirar, livre e alegremente para a sombra do *Tu*»¹⁴⁹. A oração «é dizer: “Pensa Tu que és Pai. Protege-nos Tu que és Pai”. É esse relacionamento com o Senhor»¹⁵⁰ através de uma intercessão, da qual sentimos uma necessidade semelhante ou até igual à que temos pelo pão, a partir de uma «abertura do espaço da minha liberdade, na qual eu quero que Deus seja Deus»¹⁵¹.

1.1. Uma Teologia da Salvação

A teologia da salvação está ligada à teologia da graça e da justificação. A salvação é uma operação dinâmica, entre a graça divina e a cooperação humana, que aceita esse dom e, com ele, pela fé e pelas obras, se transforma ontologicamente.

O humano está numa situação da qual precisa de ser salvo – situação de fragilidade que reconhece pela humildade de se saber ser humano que sofre, com os seus limites e erros – tendo sempre o cuidado de não fazer de Deus uma simples tranquilização das pessoas no seu sofrimento¹⁵².

A esse Outro, que tem a capacidade para nos salvar, chamamos Deus e o ser humano reconhece que «não podemos salvar-nos por nós próprios. Proclamamos que a nossa existência e todas as coisas boas que ela tem, não vêm do nosso expediente, fazem parte da obra de Deus»¹⁵³.

Em Jesus Cristo, temos a coincidência da Salvação e do Salvador; de Deus e do humano, não afastado, mas plenamente presente e assumido. Acentua-se, assim, a Graça Criada, ou seja, a receção da graça pela pessoa que, transformando-se e transformando-a ontologicamente, a aceita, a faz eficaz e presente da sua vida, e nesse momento consegue

¹⁴⁷ Papa Francisco, *Oração: Um diálogo com Deus*, 1ª ed. (Amadora: Editora Farol, 2020), 13.

¹⁴⁸ Guardini, *Introdução à Oração*, 36.

¹⁴⁹ Halík, *Quero que Tu sejas!*, 140.

¹⁵⁰ Francisco, *Oração: Um diálogo com Deus*, 12.

¹⁵¹ Halík, *Quero que Tu sejas!*, 110.

¹⁵² Cf. Anselm Grün, *Que fiz eu para merecer isto?: A incompreensível justiça de Deus*, 2ª ed. (Prior Velho: Paulinas Editora, 2009), 71.

¹⁵³ Joan Chittister, *O Sopro da vida Interior: A oração como experiência de misericórdia* (Prior Velho: Paulinas editora, 2012), 48.

perceber que «a graça vence o pecado, e a reconciliação vence o abismo da alienação»¹⁵⁴. Assim viverá na graça e pela graça, para que a sua vida seja também ela verdadeira graça para os demais. E pela oração entendemos «a memória do amado, o filtro, o crivo, através do qual começamos a ver toda a realidade, toda a vida, todas as decisões, todos os propósitos e todos os objetivos»¹⁵⁵.

Em S. Paulo, conseguimos perceber que a Graça de Deus é Cristo e a Graça de Cristo é Cristo em si. Paulo propõe uma inversão do paradigma legalista, oferecido pelo seguimento da lei, para propor uma conduta inspirada pela fé em Jesus Cristo e na salvação já operada por Ele. Ou seja, não cumpro a lei para ser salvo, mas, porque me sei salvo, acabo por cumprir a lei, ao viver em coerência com a graça que reconheço presente na minha vida; é pela nossa fragilidade que erramos porque, no fundo, «somos somente pobreza à espera na expectativa de realização»¹⁵⁶. Justificar-se é, portanto, reconhecer-se salvo por Cristo, de quem sou necessitado da salvação; é saber-me como sou, na humilde condição de pecador. Então as obras serão consequência de uma fé vivida e acolhida, e não temida; por isso, «devemos igualar-nos a Jesus e, tal como Ele, entrar no santuário celeste, onde Ele já entrou antes de nós, como autor e consumidor da fé»¹⁵⁷.

Se Deus comunica ao humano a hipótese de uma salvação, fá-lo pela comunicação do seu amor: pelo Filho que encarna no meio da humanidade, como a luz que brilha nas trevas. Por outro lado, Jesus assume as dores da humanidade¹⁵⁸, de forma solidária e não vicária, pois o papel de cada humano é o de aceitar os desafios que o exemplo do amor de Cristo, até à Cruz, apresenta.

Por sua vez, a morte não é um simples evento biológico, nem um evento com carga dolorosa, porque, ao se enfrentar a cruz em si, há o risco de considerar o sofrimento físico como causa da salvação. A morte «será comparável a um novo “nascimento”»¹⁵⁹, devendo sempre permanecer uma «esperança de que o sofrimento seja apenas uma curta passagem para a felicidade e que o crente é testado e purificado através dele»¹⁶⁰. Jesus não foi exceção e morreu no mesmo instante em que expirou. Como morrer é descer aos infernos, Jesus, ao morrer, conhece a verdadeira morte e as suas consequências, visto que vive as angústias e dores, está morto e escondido no sepulcro e experimenta aquilo que o humano experimenta: «um dia virá em que a nossa história conhecerá o inferno, aquele momento que também será o

¹⁵⁴ Paolo Scquizzato, *O Elogio da Imperfeição: O Caminho da Fragilidade*, 3ª ed. (Prior Velho: Paulinas Editora, 2017), 28.

¹⁵⁵ Chittister, *O Sopro da vida Interior*, 79.

¹⁵⁶ Scquizzato, *Ainda Melhor no Silêncio*, 98.

¹⁵⁷ Grün, *Que fiz eu para merecer isto?*, 51.

¹⁵⁸ Cf. Anselm Grün, *Que fiz eu para merecer isto*, p. 51.

¹⁵⁹ Júlio Fragata S. J., *Mais Forte que a Morte* (Braga: Editorial A. O., 1986), 28.

¹⁶⁰ Grün, *Que fiz eu para merecer isto?*, 53.

único em que poderemos fazer experiência de Deus, porque a sua graça, tendo-nos precedido, já estará lá à nossa espera para nos abraçar»¹⁶¹. Jesus «igualava-se a nós na nossa existência sofredora e controversa. Compadece-se das nossas fraquezas»¹⁶².

O mesmo Deus que aceita, a seu modo, encarnar na história, deixa-se afetar por ela e deixa-se afetar pela lei do pecado que dá a morte. Um Deus que manipulasse a história, a partir de fora, anularia a liberdade. Mas Deus anima a encarnação real na história, criando um certo tipo de alegria genuína e transbordante por aquilo que Ele faz acontecer em nós¹⁶³, pois só assim a história será salva, ainda que isso leve à cruz. É aqui que podemos dizer que Este é Aquele ser desabrochado, aquele que levou às extremas consequências o princípio de vida que trazia dentro de Si¹⁶⁴.

O Deus crucificado é assim o Deus solidário que nos convida a imergir na oração: «temos de submergir em pensamentos do Deus interior, do Deus que nos chama para fora de nós e para além de nós e, ao mesmo tempo, cada vez mais profundamente para dentro de nós, para nos ligarmos à verdadeira substância da vida»¹⁶⁵. Não há, por isso, amor sem solidariedade, nem solidariedade sem encarnação e, «quando a vontade de Deus se cumprir, se completar, só produzirá paz, alegria, serenidade»¹⁶⁶. Esta solidariedade mostra que, num mundo de vítimas, quem não estiver disposto a ser vítima não compreende a solidariedade, porque, sempre que nos sentirmos perdidos, estamos a ser levados a lembramo-nos que Deus sabe exatamente onde nos encontramos¹⁶⁷.

Pela oração, procuramos reforçar a fé e ativar a esperança, porque muitas são as vezes em que vivemos iludidos por uma sabedoria que não nos completa. A oração de Jesus ajuda a completarmo-nos porque «coloca-O dentro de nós e adentra-nos na sua vida, passando a nossa a ser d'Ele mais do que nossa, e Ele a viver em nós»¹⁶⁸, garantindo-nos o Seu amor incessante. Quantas vezes abordamos também a questão do bem contra o mal e o modo como encaramos a vida após a morte, destacando o papel da justiça, sendo esta imortal? Muitas vezes esquecemo-nos de equiparar a sabedoria com a justiça, ao ponto de não percebermos que ela é guia da vida e princípio de libertação. A justiça e a sabedoria encaminham para um encontro de comunhão com Deus e a vida dos humanos¹⁶⁹.

¹⁶¹ Scquizzato, *O Elogio da Imperfeição*, 31.

¹⁶² Grün, *Que fiz eu para merecer isto?*, 51.

¹⁶³ Cf. Mendonça, *O Tesouro escondido*, 25-26.

¹⁶⁴ Cf. Scquizzato, *Ainda Melhor no Silêncio*, 86.

¹⁶⁵ Chittister, *O Sopro da vida Interior*, 79.

¹⁶⁶ Scquizzato, *Ainda Melhor no Silêncio*, 86.

¹⁶⁷ Cf. Chittister, *O Sopro da vida Interior*, 100.

¹⁶⁸ *A Oração de Jesus: Caminho para a Intimidade com Deus* (Braga: Editorial A. O., 2013), 126.

¹⁶⁹ Cf. José Tolentino Mendonça, *Rezar de Olhos Abertos*, 1ª ed. (Lisboa: Quetzal Editores, 2020), 50.

Como verificamos no texto em estudo, o pobre rico tem a morte como a única dimensão da vida, por isso procura gozar os prazeres da vida o melhor possível. Para ele, os valores morais são desprezíveis e não entende a necessidade do “nascer de novo”, já que não nascemos somente uma vez, mas «nascemos dentro de nós e no coração de Deus»¹⁷⁰. Contudo, aquilo que não percebe é que foi Deus quem criou a humanidade como justa, para que esta fosse incorruptível, já que a justiça é imortal. Dentro de uma questão filantrópica, não nos podemos esquecer de que existe um Deus que é amigo do humano, que permite que a vida seja «uma aventura sagrada no advento do reino de Deus, uma caminhada até à plenitude da vida, e não a sua denúncia»¹⁷¹, e os únicos modos de chegar a Deus são o culto na fé, a prática da comunhão e oração com Ele, sendo a oração «o espaço em que Deus acontece em nós, na medida em que concedemos espaço a que Ele se cumpra»¹⁷².

Se formos ao livro de Job, percebemos que existe a possibilidade da existência de uma vida futura, visto que Job percebe que, neste ventre da terra, poderá encontrar a vida, à semelhança do ventre materno (Job 1, 20-21). Deste modo, pretende o carinho da atenção de Deus, igual ao que teve no ventre materno, porque o ser humano não passa de «um ser vindo de Deus e destinado a reencontrar-se a si mesmo no lançar-se, no atirar-se, através do dom da Fé, para os braços de seu Pai»¹⁷³. Ainda assim, Job não afirma concretamente esta vida futura.

Há uma sabedoria personalizada que intervém na criação, revelando os desígnios de Deus, e que se liga aos justos e amigos do Senhor, sendo uma fonte de ciência e conhecimento.

Percebemos que na vida futura, pelo conhecimento, as nossas dúvidas vão-se dissipando. Deus não demonstra um tempo de castigo, mas ensina-nos a «aprender e permanecer na nossa fraqueza, armados de uma fé profunda»¹⁷⁴ e, desta forma, ajuda-nos a clarificar o agir incorreto de cada um. O justo encontra valor na realização dos seus atos para a concretização na vida futura. O ganancioso, pelo contrário, terá de se arrepender, podendo concretizar esse arrependimento até ao momento da sua morte. Logo, Deus não é excessivo para com os injustos, permitindo-lhes, assim, um longo período para que a misericórdia seja alcançada: «Permanecer na tentação e na fraqueza, é essa a única via para entrar em contacto com a graça e para nos convertermos em milagre da misericórdia de Deus»¹⁷⁵.

¹⁷⁰ Mendonça, *Rezar de Olhos Abertos*, 31.

¹⁷¹ Joan Chittister, *O Tempo é Agora: Um chamamento para uma coragem invulgar* (Prior velho: Paulinas Editora, 2020), 35.

¹⁷² Scquizzato, *Ainda Melhor no Silêncio*, 7.

¹⁷³ Carlo M. Martini, *Itinerário de Oração*, trad. Manuel Gonçalves (Lisboa: Edições Paulistas, 1984), 31.

¹⁷⁴ Louf, *Ao ritmo do absoluto*, 55.

¹⁷⁵ Louf, 55.

Com isto, percebemos que está latente a questão da imortalidade e que esta é a inteira manifestação de Deus¹⁷⁶, revelando uma ação de mistério da parte de Deus, que se atinge por sinal do amor vivido. O agir de Deus é proporcional ao pecado, ou seja, Deus não pretende destruir o ser humano, nunca segue o caminho da destruição, pois prefere o da compaixão para com todos, sem exceção: «Deus é somente Amor e Perdão, e precisa de alcançar o nosso limite, o nosso pecado, para realizar o seu projeto de amor para nós»¹⁷⁷.

Vemos, então, que a salvação, revelada por Deus, não admite exceção, uma vez que, «no desígnio de Deus todo o ser humano é concebido e amado em Cristo»¹⁷⁸. Graças à nossa fé e adesão a Deus, temos a capacidade de nos livrarmos dos desvios, e, deste modo, apesar da condição de pecador, somos capazes de nos convertermos, de modo a conduzir a missão e revelar, a todos, os mistérios do Deus vivo. O cristão deve procurar sempre esta imagem de amor em Deus, e por isso deve sempre amar numa dinâmica filantrópica de Deus e, pela oração, conseguir transformar o desejo, «modelando-o segundo a vontade de Deus, qualquer que ela seja, porque quem reza aspira, em primeiro lugar, à união com Deus, que é amor misericordioso»¹⁷⁹. Deus mostra que o Seu projeto é benéfico para quem se compromete com Ele, e, ao conseguirmos encontrar a verdadeira liberdade, conseguimos também perceber o significado da descoberta de um mundo novo.

Nas convulsões dos últimos séculos, a fé no juízo final surge, sobretudo, como esperança cuja necessidade se tornou evidente. Não surge apenas como um protesto contra Deus a favor de justiça – já que um mundo sem Deus é um mundo sem esperança – até que, pela fé, entendamos que Deus é Quem cria a justiça. A imagem do Juízo final é um claro apelo à responsabilidade. Deste modo, encontramos um Deus que é justiça e cria justiça, através daquela que é a nossa consolação e a nossa esperança, «sabendo que os planos de Deus, mesmo “alterados”, não são menos de amor do que os “primitivos”»¹⁸⁰. E é pela justiça que Ele também é graça, porque a graça não exclui a justiça (cf. Rm 5, 20).

Nesta perspectiva, entra, mais uma vez, a oração. A oração que nos proporciona um encontro com Deus, e, neste encontro com Ele, percebemos que ao ser queimados somos também transformados¹⁸¹ e libertados, de forma a sermos nós mesmos. É na dor verdadeira do encontro que o impuro e o nocivo do nosso ser se tornam evidentes, e se dá a salvação. Aí percebemos que o Juízo de Deus, no fundo, é esperança quer pela justiça, quer pela graça,

¹⁷⁶ Cf. Fragata S. J., *Mais Forte que a Morte*, 37.

¹⁷⁷ Scquizzato, *O Elogio da Imperfeição*, 27.

¹⁷⁸ Marti, *Teología Espiritual*, 37.

¹⁷⁹ Francisco, *A Oração*, 88.

¹⁸⁰ Fragata S. J., *Mais Forte que a Morte*, 41.

¹⁸¹ Cf. Scquizzato, *Ainda Melhor no Silêncio*, 38-39.

visto que «a nossa imperfeição, a fragilidade do nosso carácter e da nossa história não são um impedimento à ação de Deus em nós»¹⁸².

1.2. A História da Salvação por Jesus

Conseguimos perceber que a fragilidade humana é enorme e que o pecado é experiência quotidiana, mas para Lucas isso não se torna um inconveniente, porque temos a possibilidade de abrir com confiança o nosso coração, com todas as suas dificuldades e feridas, pronto para receber o amor e o cuidado de Deus¹⁸³. Para Lucas, existe sempre uma esperança no acolhimento por Jesus, daí os esforços do humano para conseguir superar o mal. Verificamos isso mesmo através do acolhimento constante que Jesus dispensa aos pecadores:

“Graças a isso te digo: estão perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou. Mas a quem pouco se perdoa, pouco ama”. E disse à mulher: “estão perdoados os teus pecados”. Os que estavam com Ele reclinados à mesa começaram a dizer entre si: “Quem é este que até pecados perdoa?”. Mas Ele disse à mulher: “A tua fé te salvou. Vai em paz” (Lc 7, 47-50).

De certo modo, percebemos que Deus tem a capacidade de nos arrancar do egoísmo e do pecado. Falamos de um chorar de acordo com Deus, e encontramos, desta forma, a experiência mais íntima do amor de Deus: o perdão enquanto nos reconhecemos pecadores. Desta forma, conseguimos entender que, «à medida que o coração se vai purificando pela oração, consegue, pouco a pouco, o repouso e reconcilia-se com a fraqueza e o pecado»¹⁸⁴.

Deus toma a iniciativa em tudo e, por Jesus, «o amor e a bondade de Deus aparecem na terra»¹⁸⁵. No entanto, o ser humano também tem a capacidade de romper a relação com Deus, como o rico do texto em estudo, contudo Deus toma a iniciativa e vem ter connosco. Falamos de uma iniciativa gratuita e amorosa de se dirigir a cada um, oferecendo-Se com uma infinita humildade para não nos denegrir nem humilhar, mas sim nos realizar em plenitude - esse mesmo percurso é-nos exemplificado em Lázaro. «O maior desejo de Jesus é que tenhamos um coração alegre e que ninguém possa arrebatá-nos essa alegria»¹⁸⁶.

A nossa oração existe na medida em que é oração de Cristo, sendo essa a maior graça que podemos receber: «A oração de um cristão é essencialmente oração de e com Cristo»¹⁸⁷.

¹⁸² Scquizzato, *O Elogio da Imperfeição*, 27.

¹⁸³ Cf. Mendonça, *O Tesouro escondido*, 48.

¹⁸⁴ Louf, *Ao ritmo do absoluto*, 89.

¹⁸⁵ Louf, 126.

¹⁸⁶ Louf, 125.

¹⁸⁷ Martí, *Teología Espiritual*, 125.

1.3. A salvação de Lázaro

Lázaro é um sem-abrigo e certamente que a sua condição o levou a esmorecer diversas vezes, ou seja, muitas devem ter sido as vezes em que o sofrimento abafou a sua alegria de viver. É certo que se encontrava em sofrimento, mas «só se pode falar de ascese ou de penitência tendo em vista a alegria. A penitência nunca deve agredir a nossa alegria, como se toda a alegria devesse ser suspeita e não pudesse ser vivida senão com má consciência; como se toda a alegria tivesse de ser expurgada ou restringida desde fora»¹⁸⁸.

A alegria vem de dentro, vem do nosso interior; temos de ter a capacidade de abrir o coração com confiança, pois «o silêncio sempre em relação com a interioridade e o recolhimento é, também, um terreno excelente de encontro com a graça»¹⁸⁹, e foi este o caminho que o pobre Lázaro decidiu percorrer.

Sabemos que Lázaro era um sem-abrigo, mas no fundo

somos todos, de alguma maneira, gente sem-abrigo. Que, em certas horas de solidão ou de sofrimento, trazemos todos a alma enregelada na imensidão ferida do nosso peito. Mas quando a temperatura desce, só me dá para rezar para que o teu Espírito Santo nos desassossegue, nos desinstale, nos faça caminhar ao encontro dos mais pobres¹⁹⁰.

Aqui encontraremos a verdadeira definição de riqueza. Deus tenta jogar com aquilo que Lázaro é, naquele preciso momento, e acaba por intervir sempre na situação concreta, ou seja, Deus «intervém onde reinam a desolação, os medos, as dúvidas paralisantes, as divisões no coração e as divisões entre pessoas. Deus não nos transforma a vida a partir de fora, mas está connosco»¹⁹¹.

É Jesus que purifica e transforma os corações para levá-los à salvação, uma vez que, ao esvaziar o meu coração das impurezas, ele fica pobre, mas trata-se de uma pobreza rica¹⁹² de consolação, pois o «futuro é do pobre,/ que se apropriou do céu,/ talvez por não possuir a terra...A dor/ acorda em nós, o ser profundo,/ que entende a palavra dos Poetas,/ como a de Paulo,/ a palavra que ressuscita os mortos»¹⁹³. Também na carta de S. Paulo aos Filipenses verificamos que Cristo se esvaziou (Fl 2, 7) «assumindo a condição de servo»¹⁹⁴.

¹⁸⁸ Louf, *Ao ritmo do absoluto*, 132.

¹⁸⁹ Louf, 135.

¹⁹⁰ José Tolentino Mendonça, *Um Deus que dança: Itinerários para a Oração*, 6ª ed. (Braga: Editorial A. O., 2021), 60.

¹⁹¹ Scquizzato, *O Elogio da Imperfeição*, 46.

¹⁹² Cf. Scquizzato, *Ainda Melhor no Silêncio*, 56.

¹⁹³ Teixeira de Pascoaes, *O grito que Deus ouve*, 2ª ed. (Braga: Editorial A. O., 1995), 56-57.

¹⁹⁴ Mendonça, *Rezar de Olhos Abertos*, 180.

Lucas pretende mostrar, mediante a insistência na oração, que a salvação é mais obra de Deus do que do ser humano. Tenhamos sempre em mente que o ponto de chegada da oração cristã é a capacidade do ser humano entregar a vida, como Jesus o fez no Jardim das Oliveiras, e aí «a oração alcança verdadeiramente a auto-revelação daquilo que o homem é: um ser vindo de Deus e destinado a reencontrar-se a si mesmo no lançar-se, no atirar-se, através do dom da Fé, para os braços do seu Pai»¹⁹⁵. Mas tudo isso somente será possível no momento em que nos predispusermos a uma entrega total, uma vez que, «não pode intervir na nossa vida enquanto não nos entregarmos completamente a Ele, a partir da nossa fraqueza, mas, no entanto, em total e plena confiança»¹⁹⁶.

2. Oração: caminho (d)e vida

Lucas procura mostrar que, pela oração, existe a oportunidade de salvação, ou seja, de ultrapassar o abismo, do mesmo modo que o pobre Lázaro ultrapassou. Na verdade, o texto em estudo não diz que Lázaro orava, mas também não diz o contrário. Assim sendo, uma vez que Lucas nos demonstra que é pela oração que somos salvos e, uma vez que Lázaro é salvo, percebemos que, apesar do sofrimento que o assolava, Lázaro certamente orava, e nunca perdeu a esperança da oração, tendo sido capaz de encontrar a verdadeira e alegre riqueza, e tudo porque «a oração é a vida do coração novo»¹⁹⁷.

2.1. A atitude do orante

Qual deverá ser a verdadeira atitude de um orante? O orante deve-o ser sempre numa atitude de pobre, ciente de que pobre é salvo porque se abre a Deus, e Lázaro esvazia-se para se encher de Deus, demonstrando que a pobreza é uma atitude fundamental do homem orante¹⁹⁸. Lázaro era pobre, mas tinha um desejo: as migalhas. O desejo é muito importante na oração, ou seja, a oração é cultivar o desejo da oração, de se alimentar na oração.

O homem rico, quando está a falar com Abraão, parece estar a orar. Do outro lado do abismo, está a orar. Se foi salvo, não o sabemos. Não sabemos se ultrapassou o abismo, mas em todo o caso está a orar e pede consolo no seu sofrimento. A sua atitude final é a de um ser orante, porque finalmente sente que precisa dos outros, já que, antigamente, como se encontrava cheio de si mesmo, não sentia essa necessidade.

¹⁹⁵ Martini, *Itinerário de Oração*, 31.

¹⁹⁶ Louf, *Ao ritmo do absoluto*, 43.

¹⁹⁷ Martí, *Teología Espiritual*, 129.

¹⁹⁸ Cf. Martini, *Itinerário de Oração*, 25.

O rico nunca sentiu a necessidade de se esvaziar, porque «os nossos corações tornam-se amargos e as nossas almas cegam. Falta-nos aquela paixão exuberante pela vida que faz do ser humano, humano»¹⁹⁹. O rico, porém, como dentro de si mesmo já possuía toda a riqueza que ele considerava essencial, torna-se naquilo em que realmente pensava, porque «o que semeamos nas nossas almas cresce em nós, forma-nos, torna-se naquilo que nos leva de um momento a outro»²⁰⁰.

Para este pobre rico, torna-se impossível mergulhar no eu, local onde se encontra o Espírito. Ele já nem consegue escutar-se a si próprio, quanto mais ganhar a capacidade de escutar Deus, que se encontra dentro de cada um de nós. No fundo, este pobre rico pensava ser possuidor de tudo e «quando temos tudo aquilo de que precisamos na vida, frequentemente, é difícil também querer a Deus»²⁰¹.

2.2. A oração é caminho

A oração faz-nos amados e permite-nos amar. Acende a luz de Deus que, ainda que seja pequena, nos permite caminhar. A oração é a força que nos une e nos ajuda a combater o isolamento, permitindo um caminho conjunto. Sem a oração, não se abrem as prisões interiores que nos mantêm agarrados a situações, por vezes, terríveis.

Não tenhamos medo de chorar na oração, de nos colocar em comunhão, fazendo desse momento também nosso, porque a força de Deus não se manifesta senão na nossa fraqueza²⁰². «A maneira como encaramos a vida é tão importante para o seu resultado final como aquilo que fazemos enquanto vivemos»²⁰³. No nosso caminhar, havemos de ter a capacidade de aceitar que nos encontramos numa constante prova, onde não podemos perder a oportunidade de ir o mais longe possível. Os sentimentos vão numa barca, a incerteza não descansa, e tudo por causa desta calma tensa na qual «todo o caminho para Deus é o caminho»²⁰⁴.

Conseguir abanar as asas e voar; é este o consolo que se deve procurar, porque, por vezes, é melhor amar a mudança que o caminho nos propõe do que deixar a voz desaparecer. E, neste caminho que percorremos, não podemos ser envoltos pela correria, mas devemos, sim, saber em que momento do dia parar, orar²⁰⁵ e «pedir a coragem para enfrentar os desafios

¹⁹⁹ Chittister, *O Sopro da vida Interior*, 23.

²⁰⁰ Chittister, 24.

²⁰¹ Chittister, 45.

²⁰² Cf. Louf, *Ao ritmo do absoluto*, 111.

²⁰³ Chittister, *O Sopro da vida Interior*, 61.

²⁰⁴ Chittister, *O Sopro da vida Interior*, 29.

²⁰⁵ Cf. Fragata S. J., *Mais Forte que a Morte*, 71.

da vida. Temos de pedir a persistência para continuar, mesmo quando nada parece mudar»²⁰⁶. Pedir, ainda, a capacidade de, em oração, analisar as cicatrizes, percebendo que estas são sinal de que estivemos com dores, mas melhoramos, continuando o nosso caminho. Porque se analisarmos toda a história da salvação, perceberemos que, desde o início, nos encaminha para antídotos contra a desistência²⁰⁷.

Fazer caminho em oração é ter em vista o horizonte. Parar e olhar o horizonte. O que se vê? Não sabemos, mas também não deve ser essa a nossa maior preocupação. Não é que não nos fascine a possibilidade do imaginado, mas será o futuro ao longe? Mas que seria do futuro sem um caminho bem percorrido no presente? O futuro torna-se presente, e este, por sua vez, passado.

Que me reserva então o caminho ao horizonte? Nada mais do que uma fantasia que nos é permitida acolher; uma fantasia semelhante à de uma criança, quando em suas mãos acolhe um embrulho. A fé convida a nos desembrulharmos, até ao fim, ao impacto das surpresas de Deus. É encantador ver a felicidade que uma criança exala somente ao vislumbrar o embrulho, não tendo, ainda, descoberto o seu conteúdo. É com esta mesma alegria que devemos orar, vislumbrando um horizonte incerto, porque a «nossa vida é uma paisagem onde Deus se vê»²⁰⁸, uma paisagem que nos convida a olhar o horizonte. Não esqueçamos que o conteúdo é ainda desconhecido, mas que só de imaginar a possibilidade de o viver, tenhamos a capacidade de, em qualquer idade, «e sobretudo à medida que avançamos na idade, reganhar espiritualmente um coração de criança...voltar a ser pequenino, no espanto e na confiança com que vivemos os caminhos de Deus»²⁰⁹.

Podemos ser adultos, mas não podemos nunca arrancar do coração o que de criança ficou, de modo que, ao olhar o horizonte, estes nossos olhos, «feitos para olhar as estrelas, não morram a olhar os nossos sapatos»²¹⁰.

A oração permite este olhar sobre o futuro, um futuro que não podemos ver, mas «que devemos perseguir, se quisermos que a nossa humanidade chegue à plenitude para a qual a criação a concebeu»²¹¹.

²⁰⁶ Chittister, *O Sopro da vida Interior*, 35.

²⁰⁷ Cf. Mendonça, *O Tesouro escondido*, 33.

²⁰⁸ Mendonça, 51.

²⁰⁹ Mendonça, 36.

²¹⁰ Mendonça, 37.

²¹¹ Chittister, *O Tempo é Agora*, 109.

3. Viver um itinerário de oração

A Igreja ou nos encaminha para uma oração que nos capacita para a misericórdia²¹² – amor compassivo – ou então não será Igreja de Cristo. Trata-se de uma resposta imediata que nos sai do coração, imediatamente a partir do momento em que nos colocamos perante a verdade do ser. A oração existe para que tenhamos a possibilidade de recolher os pedaços espalhados e que foram triturados no decorrer do dia, permitindo uma certa restituição de nós mesmos²¹³. Orar é sempre espontâneo, num “tu a Tu” sem discurso prévio, como já o fui referindo algumas vezes, porque se trata de «algo de tão pessoal, de tão íntimo, de tão nosso»²¹⁴. A oração é, sobretudo, um diálogo espontâneo²¹⁵ com Deus, numa atitude de colocar-me, cada vez mais, e verdadeiramente, em estado de serviço. Por isso, há tantas formas de oração quantas as pessoas que oram²¹⁶. Cada um ora como consegue, não como deveria.

Na base da oração bíblica, no AT²¹⁷, temos a recordação das ações misericordiosas de Deus. Sendo Jesus o “sim de Deus a todas as promessas”, e o “sim humano”, então temos nele o modelo da nossa oração. Jesus exorta-nos a rezar sempre e a não deixarmos afrouxar a nossa oração, porque Ele é modelo de cristão, da nossa vida de oração. Sendo Jesus a resposta perfeita a Deus, é a oração em pessoa. Ele é a própria oração. Toda a sua vida foi oração, dado que orar é falar espontaneamente com Deus. Se permanecermos unidos a Deus no íntimo, então toda a vida pode ser oração, porque «a oração é o espaço em que Deus acontece em nós, na medida em que concedemos espaço a que Ele se cumpra»²¹⁸.

A oração cristã é uma etapa no relacionamento dialogante «que não parte de realidades induzidas artificialmente, mas da verdade da pessoa»²¹⁹ e que começa antes da ideia de oração surgir sequer na nossa mente. Antes de querer orar, eu já estou a orar a Deus.

Em primeiro lugar, o cristão deve orar em nome de Jesus²²⁰, porque também Jesus ora pelos seus amigos, os discípulos, e também ora por nós, seus futuros discípulos – como o podemos verificar na oração sacerdotal, no evangelho de João (Jo 17, 1-26). Em segundo lugar, é sempre suscitada e guiada pelo Espírito Santo, mas vivida em comunidade, a Igreja.

²¹² Cf. Saturnino Gamarra, *Teología Espiritual* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1994), 150-151.

²¹³ Cf. Scquizzato, *Ainda Melhor no Silêncio*, 27-28.

²¹⁴ Martini, *Itinerário de Oração*, 13.

²¹⁵ Cf. Francisco, *Oração: Um diálogo com Deus*, 13.

²¹⁶ Cf. Marti, *Teología Espiritual*, 129-140; Scquizzato, *Ainda Melhor no Silêncio*, 62-72; Francisco, *Oração: Um diálogo com Deus*, 41-58; Guardini, *Introdução à Oração*, 113-142; Fragata S. J., *Mais Forte que a Morte*, 117-126

²¹⁷ Cf. Mendonça, *O Tesouro escondido*, 33- 41.

²¹⁸ Scquizzato, *Ainda Melhor no Silêncio*, 8.

²¹⁹ Martini, *Itinerário de Oração*, 23.

²²⁰ Cf. Guardini, *Introdução à Oração*,. 102-103.108-109.

Jesus não disse nunca o que orava nem como orava. O que Ele comunicou foi um conjunto de ensinamentos sobre a oração característica daqueles que o seguiam²²¹, um conjunto de preceitos destinados aos seus discípulos: Pai-nosso (Lc 11, 1-4). Ao rezar o Pai Nosso e interiorizando a sua mensagem, conseguimos perceber que o Pai Nosso é o suporte inicial onde encontramos um Pai que «nos revela a sua face e sentimos o seu coração»²²².

Ao pedido de parte dos apóstolos, Jesus ensina o Pai Nosso, revelando os nossos deveres e o que Deus fará por nós, se observarmos esses deveres. Se não nos sentimos incomodados ao orar o Pai Nosso, então é porque não nos apercebemos do que dizemos. Se o analisarmos bem, começa com Pai e termina com mal, ou seja, «toda a nossa vida se estende entre o Pai e o mal; mas não tenhamos medo: Jesus veio dizer-nos que o Pai é mais forte do que o mal»²²³. Assim sendo, o Pai Nosso é um abalo à nossa mordomia, à nossa segurança humana, ao ponto de criarmos um diálogo com Deus onde «não há lugar para o individualismo»²²⁴.

Todavia, quando oramos, havemos de o fazer no segredo da nossa consciência, isto é, no nosso coração, porque «é do interior que a vida de Jesus se eleva em nós»²²⁵. Deve estar isenta de palavreado repetitivo e mecânico, de frases longas e vazias de conteúdo. O mestre da oração é o que não desiste de tentar orar: «Para orar é necessário que se queira orar»²²⁶. Quem ora humildemente é justificado. Justificado é ser colocado da forma correta diante de Deus, porque a oração verdadeira, onde recebemos o beijo de Deus, comunica-nos o Espírito Santo, o seu amor.

3.1. Fundamentos da oração

Um dos fundamentos da oração é a vida teologal de quem se relaciona com um Deus pessoal e vivo; a vida teologal de quem sabe que Deus nos escuta e entende; a vida teologal de quem vive na presença real e ativa de Deus na sua vida, como companheiro diário²²⁷.

A oração revela-se como um inquietante diálogo entre dois amigos²²⁸, onde há contacto de hálito a hálito, de espírito a Espírito, de pele a pele: «o estado mais elevado da oração é atingido quando a mente do orante transcende os limites da carne e do mundo»²²⁹; dois

²²¹ Cf. Francisco, *A Oração*, 19.

²²² Guardini, *Introdução à Oração*, 107.

²²³ Scquizzato, *Ainda Melhor no Silêncio*, 99.

²²⁴ Francisco, *A Oração*, 57.

²²⁵ Louf, *Ao ritmo do absoluto*, 162.

²²⁶ Marti, *Teología Espiritual*, p.129.

²²⁷ Cf. Marti, *Teología Espiritual*, 125.

²²⁸ Cf. Francisco, *Oração: Um diálogo com Deus*, 13.

²²⁹ Francisco, *A Oração*, 143.

amigos que se escutam e respondem mutuamente. É por isso que se impõe deixar tempo para Deus falar também; deixar que Deus provoque reações nos nossos afetos, através de um certo silêncio que também se acaba por tornar conversa. Contudo, custa-nos dar tempo a Deus, porque significa perdermos o controlo da oração e entrar de novo na desolação²³⁰. Se esperar nos aborrece, então é porque não estamos preparados.

A oração ou é útil - tem a capacidade de preencher um vazio - ou não serve para nada, não preenche o vazio que nos assola. A utilidade da oração é o discernimento da própria vida, no sentido em que permite um relacionamento com Deus. O Tempo é a espera da resposta do amor que nos é dado através de uma aliança entre Deus e o Seu povo²³¹. Estamos no tempo porque tardamos a responder ao amor que nos é comunicado, mas quem tarda a responder somos nós, não Deus.

Orar é estar na presença de Deus com o coração e as mãos abertas, «como pobres, não como possuidores»²³², sem os punhos fechados. A oração é dos meios mais fecundos e mais evidentes para nos perdermos no amor por Deus, permitindo a Sua proximidade²³³. Se acreditássemos na oração, verdadeiramente, passaríamos muito mais tempo em oração, já que orar é uma necessidade vital²³⁴. Porque, mais importante do que receber algo de Deus, é fazer a oração; transformar-se em alguém que, dialogando com Deus, se torna com Ele uma fonte daquilo que se vive com o próprio Deus, «num diálogo em que a palavra me enriquece a mim, que sou pobre...um pobre que precisa de ser enriquecido»²³⁵, sobretudo no realizar o bem.

A oração permite estabelecer uma relação de obediência filial com Deus, sem imposição, mas cumprindo a Sua vontade, que é o pretendido quando se consegue libertar do egoísmo e realizar o amor maior, através de uma inteira «disponibilidade da vida para todos os que necessitarem de nós...é uma apropriação de nós mesmos para o serviço dos outros»²³⁶. É obediência filial em que eu escuto e me deixo entusiasmar pela minha própria existência, transformando-a de uma forma em que eu me torno, cada vez mais, suscetível a construir com Deus o caminho para a realização da minha pessoa.

Na Eucaristia. encontramos a oração de Cristo, primeira e mais perfeita, e nenhuma deve substituí-la. É dela que dimanam todas as outras²³⁷, retirando-lhes o carácter meramente

²³⁰ Cf. Fragata S. J., *Mais Forte que a Morte*, 119.

²³¹ Cf. Francisco, *Oração: Um diálogo com Deus*, 15.

²³² Guardini, *Introdução à Oração*, 25.

²³³ Cf. Halík, *Quero que Tu Sejas!*, 130.

²³⁴ Cf. Marti, *Teología Espiritual*, 143.

²³⁵ Guardini, *Introdução à Oração*, 25.

²³⁶ Guardini, 32.

²³⁷ Cf. Marti, *Teología Espiritual*, 145; Guardini, *Introdução à Oração*, 197.

subjetivo, dando-lhe um corpo comunitário: «A Eucaristia é, de facto, o sacramento da igreja, a revelação de que já somos um só no Senhor»²³⁸.

Existe uma capacidade de olhar para a oração de coração a coração, de algo íntimo com Deus, de «entrar em calma, libertar-se de tudo quanto agora não interessa e estar à disposição daquele que neste momento mais importa – Deus»²³⁹, retirando-nos para o quarto secreto da nossa consciência. Isto é aquilo a que ordinariamente chamamos oração. Importa não ter medo da oração habitual, que se mistura, impercetível e difusamente, com a nossa vida quotidiana: quando já somos oração através de «uma vida profunda que levamos desde há muito dentro de nós, que germina e cresce em nós»²⁴⁰, sem saber que estamos a orar.

Tudo é transformado em oração. Oramos apenas porque Deus é Deus e o seu desejo é que cheguemos à gratuidade pura do amor, sem por quê e para quê. Mais uma vez, a finalidade da oração é a própria oração, e o tempo é consoante o amor que estiver disponível para dar a Deus, conscientes de que, «Deus não é simplesmente o “Ele” todo-poderoso, mas também o “Tu” vivo para o homem de Deus»²⁴¹. Oração é compromisso total, não pode ser a meias. Ou estamos no todo, com tudo o que somos, ou não estamos.

3.2. Obstáculos à oração

Um primeiro obstáculo à oração será a preocupação com o interesse próprio, que decorre da consideração de Deus como útil ao ponto de «reduzirmo-nos a meros comerciantes de vida, inclusive de coisas relativas a Deus»²⁴². A gratuidade é fundamental.

Um segundo obstáculo é querer combater as distrações, divisões causadas no passado, como morte por “distração”, rompendo a pessoa. Porque não usar as mesmas? Há distrações benéficas e prejudiciais. Não podemos estar numa constante batalha às distrações e cair num «esforço de concentração para chegar a um vazio mental»²⁴³, porque podemos cair na própria distração de as estar a combater. Elas sempre surgirão, assumamo-las.

Um dos grandes obstáculos que podemos encontrar, para não dizer que talvez seja mesmo o maior, é o perigo da oração se tornar mecânica e ritualizada, a ponto de não estarmos nela. As palavras frequentes podem ser desapropriadas para dizer o que vai no nosso coração e acabamos por «reduzir a oração a atitudes e palavras rituais»²⁴⁴.

²³⁸ Francisco, *A Oração*, 148

²³⁹ Guardini, *Introdução à Oração*, 24.

²⁴⁰ Louf, *Ao ritmo do absoluto*, 149.

²⁴¹ Guardini, *Introdução à Oração*, 38.

²⁴² Scquizzato, *Ainda Melhor no Silêncio*, 18

²⁴³ Martí, *Teologia Espiritual*, 141.

²⁴⁴ Martí, *Teologia Espiritual*, 141.

Outro possível obstáculo é a preocupação com os resultados e a performance, que levam à sua instrumentalização, ao ponto de não conseguir encontrar a graça, porque «fugimos do momento presente refugiando-nos nos bons propósitos, no empenhamento»²⁴⁵, sendo que a oração não é para ser utilizada, mas para ser fruída.

Outro obstáculo é a *secura*²⁴⁶, no entanto a aridez pode ser sinal da verdadeira oração, desde que não permitamos que o coração se seque. Estamos a passar dos dons de Deus para o Deus dos dons. Estamos lá pela oração e não por ânimos artificiais.

Não esqueçamos que também o orgulho nos pode “afogar”, e aqui falo de um orgulho pelo caminho já trilhado. Quebre-se o espelho porque devo «procurar a face que se orienta para mim, buscar o coração que pensa em mim e dirigir-lhe a minha oração»²⁴⁷. Não se olhe para nós mesmos, contemplando os sucessos ou insucessos na existência orante.

Assim sendo, percebemos que muitas poderão ser as razões para colocarmos a oração à parte da nossa vida²⁴⁸.

3.3. Modos de orar

A vocalização²⁴⁹, a meditação²⁵⁰ e a contemplação²⁵¹ são três procedimentos que considero essenciais para uma verdadeira vida de oração.

Não há que ter medo nem receio de fazer uso da voz²⁵². Que a voz não seja desprezada e falemos alto, ao ponto de descobrirmos uma certa familiaridade com Deus, uma forma de tomarmos consciência da nossa corporeidade na nossa vida orante. Todavia, a oração vocal não é repetir palavras, mas falar espontaneamente, tomando consciência das palavras que usamos para com «Aquele de quem falamos e de quem fala»²⁵³.

A meditação, de certo modo, já a temos presente na oração vocal bem feita. Este é um processo discursivo mental²⁵⁴, onde conseguimos refletir sobre algum aspeto relevante para a vida cristã, que pode ser assinalado mediante a leitura bíblica, espiritual.

Na contemplação, encontramos a oração de olhar o mundo de modo puro e afetivo²⁵⁵ – aqui o fator predominante é a afetividade – trazendo também consigo, até certo ponto, as

²⁴⁵ Scquizzato, *O Elogio da Imperfeição*, 37.

²⁴⁶ Cf. Marti, *Teología Espiritual*, 141.

²⁴⁷ Guardini, *Introdução à Oração*, 39.

²⁴⁸ Cf. Gamarra, *Teología Espiritual*, 152-153.

²⁴⁹ Cf. Marti, *Teología Espiritual*, 132.

²⁵⁰ Cf. Fragata S. J., *Mais Forte que a Morte*, 117; Marti, *Teología Espiritual*, 133.

²⁵¹ Cf. Marti, *Teología Espiritual*, 136.

²⁵² Cf. Gamarra, *Teología Espiritual*, 170; Cf. Fragata S. J., *Mais Forte que a Morte*, 119.

²⁵³ Marti, *Teología Espiritual*, 132.

²⁵⁴ Cf. Gamarra, *Teología Espiritual*, 170; Cf. Marti, 135; Cf. J. Fragata S. J., *Mais Forte que a Morte*, 117.

²⁵⁵ Cf. Gamarra, *Teología Espiritual*, 171.

faculdades espirituais. A partir de certo momento, a afetividade torna-se arrebatadora, mas equilibrada, deixando as faculdades espirituais habituais suspensas. A contemplação é o nível mais profundo da relação com Deus: «Trata-se de rezar (oração vocal), meditar (oração mental) e viver (presença de Deus continua) contemplando»²⁵⁶. Ficamos em êxtase. A contemplação é um olhar de coração a coração, fazendo a experiência de como Deus nos está a olhar, a amar.

3.4. Géneros de oração

Na oração, vários são os tipos ou fases possíveis²⁵⁷. Aqui ficarão realçadas algumas possibilidades de encontro orante, que podemos realizar na nossa intimidade com Deus.

Em primeiro lugar, falamos de uma oração de bênção, na qual percebemos que a vida é «uma bênção a celebrar»²⁵⁸, porque, uma vez que Deus abençoa, o coração do ser humano pode responder bendizendo Aquele que é fonte de toda a bênção e aos outros.

Na oração de petição²⁵⁹, mostramos que somos carentes, para tomarmos consciência do que é importante para nós, ou seja, na oração de súplica «fazemos experiência da Presença em nós que concederá não tanto o que se impetrou, ou seja, a nossa necessidade, mas o que é objetivamente o bem para o orante»²⁶⁰.

Já numa oração de intercessão interpretamos um certo começo da caridade, pedindo a Deus algo para os demais²⁶¹. Tornamo-nos imagem de Deus que se preocupa mais com os outros²⁶² do que consigo próprio, ao ponto de morrer na Cruz.

Numa dimensão orante de ação de graças²⁶³, impera a lógica da gratidão, que nos reencaminha voluntariamente para Deus e que «não é apenas uma atitude de louvor, é também o elemento básico de uma verdadeira crença em Deus»²⁶⁴, ajudando o restante da criação a convergir em Jesus Cristo.

E na oração de louvor e adoração reconhecemos que Deus é Deus nas suas qualidades, não pelo que fez, pelas qualidades derivadas, mas pelo que é: amor. Temos de adorar a Cristo que está nos demais através de «um amor que se vai assemelhar ao amor do Pai dos céus, de

²⁵⁶ Marti, *Teología Espiritual*, 136-138.

²⁵⁷ Cf. Gamarra, *Teología Espiritual*, 176-169.

²⁵⁸ Chittister, *O Sopro da vida Interior*, 69.

²⁵⁹ Cf. Gamarra, *Teología Espiritual*, 169.

²⁶⁰ Scquizzato, *Ainda Melhor no Silêncio*, 63.

²⁶¹ Cf. Scquizzato, *Ainda Melhor no Silêncio*, 68-69.

²⁶² Cf. Halík, *Quero que Tu Sejas!*, 137.

²⁶³ Cf. Gamarra, *Teología Espiritual*, 168.

²⁶⁴ Chittister, *O Sopro da vida Interior*, 48.

Quem Jesus afirma que faz nascer o sol sobre maus e bons»²⁶⁵. O outro é sacrário, como nos afirma Lévinas²⁶⁶, do qual havemos de retirar as sandálias e tocar com pinças de algodão. O outro é o templo de Deus, santo, tabernáculo inviolável, onde o Senhor veio rezar por nós; através do amor, tornamo-nos indigentes e pobres ao ponto de dependermos do outro²⁶⁷.

A oração pressupõe que algo acontece em quem ora sempre a partir de uma intimidade com Deus²⁶⁸, é esse o sentido. Sempre numa perspectiva de que, seja qual for o tipo de oração, o mais importante, ao orar, é tornar consciente em nós uma oração até então inconsciente, uma vez que orar «é tomar consciência de uma coisa que desde há muito habita em nós inconscientemente»²⁶⁹.

4. Possíveis complementos da oração

Uma boa oração pode conduzir a uma necessidade e a uma busca por algo mais, e os acompanhamentos, quer a nível psicológico, quer espiritual, podem ajudar a uma melhor prática da oração, porque tudo são formas de crescer e, como «a vida é progressiva, o conhecer e o amar estão em contínuo crescimento²⁷⁰». A oração é uma obra de misericórdia espiritual²⁷¹, que tem a capacidade de encaminhar tudo para o coração do Senhor, isto tudo porque confiamos. «Os olhos do coração abrem-se à luz divina e o coração fica iluminado por essa Luz, por Jesus»²⁷². Se num acompanhamento ganhámos este tipo de confiança, e se acreditamos que nos vai ajudar, então porque não adicionar outros complementos à oração, e encontrarmos já, no agora, a nossa salvação.

Na vida, precisamos de um propósito, pelo qual devemos lutar e usufruir das conquistas. Se isso não acontecer, tornamo-nos infelizes, desorientados e zangados, sem sentido de razão de viver. Aqui entra o papel da moralidade, com o intuito de ter algo para fazer e por que viver. Sem um devido sentido de oração, a vida fica cheia de mediocridades e dramas. No núcleo da nossa oração, é necessário que nos apercebamos que um coração destituído de esperança, hoje, poderá estar cheio de esperança, amanhã. Talvez as pessoas, mais do que antes, e através da psicologia, busquem incessantemente um sentido para a vida. A razão humana diz-nos que a nossa vida na terra possui um propósito. Neste sentido, numa

²⁶⁵ Louf, *Ao ritmo do absoluto*, 142.

²⁶⁶ Cf. Halík, *Quero que tu Sejas*, 140.

²⁶⁷ Cf. Louf, *Ao ritmo do absoluto*, 143.

²⁶⁸ Cf. Chittister, *O Sopro da vida Interior*, 66.

²⁶⁹ Louf, *Ao ritmo do absoluto*, 148.

²⁷⁰ Martí, *Teología Espiritual*, 117.

²⁷¹ Cf. Francisco, *A Oração*, 30.

²⁷² *A Oração de Jesus*, 47.

aproximação entre a oração e psicoterapia são perceptíveis as semelhanças de ambas – ambas ajudam no crescimento espiritual e gradual da pessoa.

Mario Aletti ensina-nos que é muito importante, em primeiro lugar, partir por «uma comunicação pragmática e eficaz, voltada para a reflexão de alguns aspetos do que já se faz, a fim de oferecer estímulos ao debate e ao confronto»²⁷³. Aquele que fornece ajuda para a prática de uma oração precisará de perceber se quem lhe pede ajuda é um leigo cristão ou alguém não-crente, em busca de algo²⁷⁴. Essa observação é extremamente importante para que quem ajuda consiga perspetivar um seguimento, no melhor enquadramento possível.

No encontro que existe entre duas pessoas, sendo uma o ajudante e outra aquele que pretende ser ajudado, deve essencialmente surgir um clima de verdade do sujeito ao próprio sujeito²⁷⁵, numa profunda e intrínseca relação. No fundo, o acompanhamento espiritual e psicanalista funcionará como uma cura, mas uma cura que «não usa psicofármaco em função anestésica»²⁷⁶, como variadas vezes acontece na psiquiatria. Trata-se de uma terapia com o complexo intuito de compreender e orientar o sujeito afetado.

Infelizmente, no texto de estudo, Lázaro é-nos relatado sempre sozinho. Não surgiu a oportunidade de se proporcionar um encontro deste género. Aquele que tinha essa possibilidade de ajudar, o rico, não o faz, preocupa-se somente com ele. Lázaro só é recordado por este pobre rico muito tardiamente, mas este já tinha encontrado a paz e a salvação porque tanto, certamente, havia orado.

A procura espiritual tem vindo a adquirir, cada vez mais, um carácter urgente nas variadas idades. «Muitos são os que dentro e fora da Igreja se sentem atraídos por qualquer aventura espiritual e procuram um guia ou mestre»²⁷⁷. Tudo se baseia no humano, por isso, percebemos que, segundo Mario Aletti, «tudo o que é humano é psíquico. Vale também para a religião e para a vida espiritual... embora o psíquico não seja tudo»²⁷⁸.

A psicologia pode ajudar ao caminho de encontro com Deus, mas, conhecendo os seus limites, nunca poderá verificar a existência de Deus. Será somente uma ajuda na interpretação dos símbolos, das crenças e dos ritos religiosos.²⁷⁹ Contudo, a Igreja, muitas vezes, poderá

²⁷³ Mario Aletti, «Atendimento Psicológico e Direção Espiritual: Semelhanças, Diferenças, Interações e... Confusões», *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 24, n.º 1 (2008): 117, <https://www.scielo.br/j/ptp/a/TnfpbMpbfmcpLSfhCGpNH9S/?lang=pt&format=pdf>

²⁷⁴ Cf. Aletti, «Atendimento Psicológico e Direção Espiritual», 117-118.

²⁷⁵ Cf. Aletti, 118.

²⁷⁶ Aletti, 118.

²⁷⁷ Louf, *Ao ritmo do absoluto*, 93.

²⁷⁸ Aletti, «Atendimento Psicológico e Direção Espiritual», 119.

²⁷⁹ Cf. Aletti, 119.

ajudar a encontrar certas respostas adversas à religião, mas esse é um ponto sensível da nossa Igreja atual, pois não sabe dar as respostas²⁸⁰.

A vida cristã não pode ser baseada somente em catequeses e ensinamentos de algumas verdades simples e absolutas²⁸¹. A nossa relação com Deus necessita também de uma apresentação inconsciente, através de um «pensamento consciente sobre Deus, a imagem que dele fazemos, nosso teologar intelectual e emotivo»²⁸² e é este o caminho sob o qual a oração nos pretende dar a mão, porque «todo o caminho para Deus é o Caminho»²⁸³.

4.1. A psicologia como complemento

Se analisarmos bem, na psicologia da religião encontramos a figura do pai, como sendo aquele que se coloca dentro da família, «lugar onde se entrecruzam a ordem biológica e a ordem cultural, transmissão da vida pela dualidade sexual e instauração de uma relacionalidade absolutamente privilegiada de amor fecundo»²⁸⁴. Como nos indica Henri Nouwen, «Deus, o criador do Céu e da Terra, escolheu ser, acima de tudo, um pai amoroso...*Abba*, um pai amável, afetuoso e intimamente ligado a nós»²⁸⁵. Este *Abba* permite criar uma relação íntima e de confiança com Deus, relação essa que nos é testemunhada com Jesus; um Jesus que não tem medo de prostrar o rosto por terra para orar com o Pai (Mt 26, 39). De igual modo, encontramos Lázaro, prostrado no chão, à porta de um rico.

Deus liga-se, para a eternidade, à vida dos seus filhos, através de uma infinita compaixão. Segundo Kierkegaard, o pai espiritual não se compara a um amigo, porque é superior a isso²⁸⁶. Absorvemos uma paternidade como uma «valência normativa que estrutura a diversidade, o desejo, a lei, o amor, a generatividade»²⁸⁷.

A psicoterapia pode ser uma espécie de relação livre e assimétrica, que responde a um pedido de ajuda²⁸⁸ de alguém que se sente incomodado com os próprios pensamentos e afetos perturbadores. Assim sendo, a psicoterapia precisa de um enorme envolvimento pessoal, através da comunicação verbal com o paciente. Não obstante, este caminho deve ser feito sem censuras por parte de quem escuta²⁸⁹, limitando-se, essencialmente, à escuta da análise da

²⁸⁰ Cf. Louf, *Ao ritmo do absoluto*, 93.

²⁸¹ Cf. Louf, 94.

²⁸² Aletti, «Atendimento Psicológico e Direção Espiritual», 120.

²⁸³ Chittister, *O Sopro da vida Interior*, 29.

²⁸⁴ Aletti, «Atendimento Psicológico e Direção Espiritual», 120.

²⁸⁵ Henri Nouwen, *Acompanhamento Espiritual: Sabedoria para percorrer o longo caminho da fé* (Braga: Editorial A.O., 2016), 99.

²⁸⁶ Cf. Louf, *Ao ritmo do absoluto*, 96.

²⁸⁷ Aletti, «Atendimento Psicológico e Direção Espiritual», 120.

²⁸⁸ Cf. Aletti, 121.

²⁸⁹ Cf. Aletti, 121.

história pessoal do paciente. Como afirma André Louf, e interligando com a noção de acompanhamento espiritual, «trata-se de facto de dois seres que se encontram face a face, chamados a caminhar juntos»²⁹⁰, numa qualidade da experiência vivida em comum, uma vez que, por vezes, o prostramento já foi sentido o suficiente, e o que é preciso é estar olhos nos olhos.

A psicologia perspetivará uma libertação da personalidade *in toto* e o surgimento da verdade do sujeito, sendo a «vivência religiosa um dos aspetos da personalidade, que deve ser harmonizado com os outros aspetos»²⁹¹. Pelo contrário, a direção espiritual possibilita essencialmente um caminhar rumo a um amadurecimento da fé do sujeito, esquecendo-se muitas vezes da necessidade do crescimento pessoal²⁹².

A função central da terapia é o bem-estar do paciente, que, ao sentir a necessidade de procurar alguém, fá-lo porque está em sofrimento e, deste modo, quer ajuda. O sofrimento pode atingir uma dimensão tal que se torna insuportável. Muitas vezes chega a este ponto porque as pessoas sentem dificuldade: «a falar sobre uma doença do foro psíquico, sentem-se ligeiramente inúteis devido a essa situação»²⁹³. De certa forma, pensam que já não são capazes, e passam a sentir uma certa impotência, na qual já nada nem ninguém os pode ajudar. Muitas vezes, podem cair numa depressão, aliás, muitos são os psicólogos que afirmam a depressão como a doença do povo²⁹⁴.

O problema está no facto de que quem é atingido por estas depressões acaba por se refugiar nelas, e, quando a ajuda chega, a situação já se encontra demasiado adiantada, tornando o acompanhamento muito mais difícil ou, por vezes, impossível.

É importante que, através do acompanhamento e do diálogo, se consiga perceber o que essa depressão tem a dizer. O diálogo ajudar-nos-á a entrarmos em nós próprios e, desta forma, a sabermos-nos respeitar e aceitar. «Precisamos de mais tranquilidade e segurança, tanto a nível exterior como interior. O diálogo com a depressão parte do princípio de que a depressão tem um sentido e nos quer chamar a atenção».²⁹⁵

O terapeuta deverá ajudar o encaminhar deste diálogo no propósito de livrar o paciente da sua própria sombra²⁹⁶, pois nesta sombra que possui, ou seja, numa certa escuridão, torna-se impossível que penetre qualquer tipo de oração, acabando por se sentir um certo abandono

²⁹⁰ Louf, *Ao ritmo do absoluto*, 96.

²⁹¹ Aletti, «Atendimento Psicológico e Direção Espiritual», 121.

²⁹² Cf. Aletti, 122.

²⁹³ Grün, *Que fiz eu para merecer isto?*, 114.

²⁹⁴ Cf. Grün *Que fiz eu para merecer isto?*, 115.

²⁹⁵ Grün, 115.

²⁹⁶ Cf. Aletti, «Atendimento Psicológico e Direção Espiritual», 122.

por Deus²⁹⁷. Pode ser extremamente difícil atingir a graça da oração, quando envolto no sofrimento, porque o sofrimento não deixa que nada penetre.

O acompanhante, com função de terapeuta, numa assimetria da relação, «tem a responsabilidade maior em aceitar ou recusar o paciente»²⁹⁸, caso sinta ou não a devida sintonia. Este facto é muito importante, uma vez que, sem esta devida sintonia, que o terapeuta deve conseguir observar, o paciente jamais conseguirá reconciliar-se com a própria depressão. O caminho verdadeiro de reconciliação nunca pode passar ao lado da depressão. Todavia, precisamos de perceber que, muitas vezes, somos impotentes para certas abordagens que nos chegam. Nesses casos, numa atitude de humildade, é preciso reconhecer «a nossa impotência e inclinarmo-nos diante do mistério do outro»²⁹⁹.

A doença pode acabar por me mostrar a necessidade de ter humildade e modéstia, e uma audição para com a minha *psique*, sendo que a «cura em seu conjunto e todo ato deve estar orientada para o bem-estar de quem ajuda e não para a gratificação pessoal de quem presta ajuda»³⁰⁰. Não posso ainda esquecer que a doença pode perturbar toda a dimensão afetiva de quem ajuda e torná-lo vulnerável à encarnação dos problemas do outro.

As nossas próprias motivações têm de ser verificadas constantemente, para que não surjam «cumplicidades afetivas, relações muito mórbidas, envolvimentos e transtornos do próprio mundo afetivo e do mundo dos outros»³⁰¹. Com isto, pretendo dizer que quem oferece um acompanhamento deve adquirir uma certa abstinência, tendo um «bom conhecimento não só de si, mas também de si como sujeito de uma relação e, em geral, das próprias competências de comunicação»³⁰².

Assim sendo, a psicoterapia faz «da exploração e interpretação da transferência e dos desejos inconscientes, o lugar para uma reestruturação de toda a vida afetiva»³⁰³.

4.2. O papel do acompanhamento espiritual

Primeiro importa realçar que um bom acompanhamento espiritual pode encaminhar à prática da oração³⁰⁴, através de uma perspectiva dialogante que o acompanhado poderá desenvolver. Certo será que esta é uma graça extremamente generosa.

²⁹⁷ Cf. Grün, *Que fiz eu para merecer isto?*, 116.

²⁹⁸ Aletti, «Atendimento Psicológico e Direção Espiritual», 122.

²⁹⁹ Grün, *Que fiz eu para merecer isto?*, 117.

³⁰⁰ Aletti, «Atendimento Psicológico e Direção Espiritual», 123.

³⁰¹ Aletti, 123.

³⁰² Aletti, 123.

³⁰³ Aletti, 125.

³⁰⁴ Cf. Slawomir Biela, *Só Deus Basta: Rumo à nova evangelização no terceiro milénio* (São Paulo: Palavra & Prece, 2010), 149-150.

O acompanhamento está muito dependente da qualidade duma relação humana e, claro está que, neste enquadramento, se insere a qualidade do diálogo. Quem procura ser escutado quer encontrar do outro lado alguém que o aceite³⁰⁵, para que consiga abrir o seu coração. Precisa de encontrar alguém que lhe transmita confiança, até conseguir falar abertamente, já que os primeiros momentos de conversa são os mais importantes, por virem carregados de sentimentos difíceis.

Aquele que acompanha tem de estabelecer «um posicionamento disposto a reconhecer e não influenciar deliberadamente as opções de valor e os comportamentos consequentes da pessoa»³⁰⁶. Isto não significa que tenha de transparecer uma pessoa fria e arrogante³⁰⁷ – o que se pretende é que as reações emotivas pessoais do analista não invadam o campo terapêutico da relação dual³⁰⁸. É preciso deixar que a pessoa, de forma orante para com quem a escuta, consiga «mergulhar no eu, onde mora o Espírito e onde as águas são mais profundas»³⁰⁹. Nos dias que correm, numa sociedade completamente ruidosa, isto é cada vez mais difícil.

Num acompanhamento, as qualidades de quem ajuda são colocadas completamente à prova. Muitos são os guias que podem cometer o enorme erro de estar completamente a falar, num constante diálogo de censura e contradição³¹⁰. Antes de mais, é necessário «aceitar a incompletude e o gradualismo, intrínsecos a qualquer relação de crescimento humano»³¹¹, depois o acompanhante deve assumir o dom da escuta, como foi enunciado anteriormente. Através desta escuta, não só será capaz de «acolher o incómodo, mas também deixar que ele se expresse nas palavras do paciente»³¹².

O acompanhante deve saber esperar pelo confidente, no tempo que ele próprio estimular, não o estimulando com perguntas que podem ser confundidas com atos de curiosidade. «Cabe-nos estimular os que amamos à corajosa aceitação da vida, no que ela tem de plenitude, mas também de vazio e até de decepção»³¹³. O mais correto jamais será fazer perguntas e forçar confidências³¹⁴.

O dom de saber escutar significa que também tem de saber esperar «que a verdade do sujeito se instaure nele mediante o seu contar-se...não antepondo a própria palavra à do paciente»³¹⁵. O paciente precisa de reconhecer o fracasso e a derrota, que lhe pertencem no

³⁰⁵ Cf. Louf, *André, Ao ritmo do Absoluto*, 103.

³⁰⁶ Aletti, «Atendimento Psicológico e Direção Espiritual», 123.

³⁰⁷ Cf. Gamarra, *Teología Espiritual*, 175.

³⁰⁸ Cf. Aletti, «Atendimento Psicológico e Direção Espiritual», 123.

³⁰⁹ Chittister, *O Sopro da vida Interior*, 43.

³¹⁰ Cf. Louf, *Ao ritmo do absoluto*, 103.

³¹¹ Aletti, «Atendimento Psicológico e Direção Espiritual», 123.

³¹² Aletti, 124.

³¹³ Mendonça, *Rezar de Olhos Abertos*, 63.

³¹⁴ Cf. Aletti, «Atendimento Psicológico e Direção Espiritual», 124.

³¹⁵ Aletti, 124.

seu viver. Mesmo aqueles que são bem-sucedidos possuem este sentimento de fracasso e de derrota porque, como nos diz D. José Tolentino Mendonça, «experimentam o que é saciar-se provisoriamente, e não ficar com o coração transparente e saciado»³¹⁶. Sem a experiência do fracasso, é muito difícil crescer e acaba-se por passar a vida a contornar as experiências do fracasso, para conseguir ganhar algo. A vida cristã e a experiência do fracasso são conjuntas, sendo que a última permite a configuração com Cristo. No fracasso, posso encontrar fecundidade, reconhecendo os próprios limites. Assim sendo, o fracasso pode e deve ser vivido acompanhado, daí a necessidade de saber escutar e esperar por aquele que tem algo para dizer. A seu tempo, poderá libertar-se para o acompanhante.

O acompanhante não pode assumir o papel de um polícia interior, porque, neste papel de polícia, o acompanhante acaba por não conseguir «colocar-se à distância e desempenha ainda o papel de quem decide o que se pode ou não se pode fazer, o que é permitido ou proibido»³¹⁷. No fundo, pretendem oferecer entendimentos genéricos com o intuito de tranquilizarem, mas na realidade oprimem o sujeito de falar³¹⁸. Pelo que o acompanhante acabará por não conseguir despertar a vida e «viver uma vida sem exuberância é um dos fardos mais tristes que uma pessoa pode escolher carregar. É uma ferida que a pessoa inflige a si própria. Viver sem vida em nós é uma maldição que lançamos sobre nós próprios»³¹⁹. De repente, uma certa ansiedade aumentará sob o sujeito, mesmo que constantemente se fale em liberdade³²⁰.

A experiência clínica indica que «uma abordagem fincada na neutralidade pode ajudar as pessoas a aprofundar as razões de sua fé e de sua adesão...e ajudar outras a libertar-se de resíduos patológicos de sua religiosidade»³²¹. Mesmo o diretor espiritual nunca poderá esquecer que o acompanhamento tem a função de ajudar o acompanhado a crescer na maturidade religiosa, na experiência de Deus e na capacidade de ser mediação e figura do amor de Deus³²².

O acompanhamento não deve ser instrumentalizado, tendo o objetivo de ser algo útil. Como ouvinte, o acompanhante deve saber acolher o outro com humildade, na experiência que este está a viver. Não podemos ver naquele que pede ajuda um fraco, porque pedir ajuda não é sinal de fraqueza, mas sim de humildade e sabedoria.

³¹⁶ Mendonça, *Rezar de Olhos Abertos*, 71.

³¹⁷ Louf, *Ao ritmo do absoluto*, 108.

³¹⁸ Cf. Aletti, «Atendimento Psicológico e Direção Espiritual», 124.

³¹⁹ Chittister, *O Sopro da vida Interior*, 22.

³²⁰ Cf. Louf, *Ao ritmo do absoluto*, 108.

³²¹ Aletti, «Atendimento Psicológico e Direção Espiritual», 125.

³²² Cf. Aletti, 125.

O ser espiritual é colocado numa saliência sobre o abismo, numa certa vivência na angústia desnivelada, encontrando, assim, um obstáculo para os seus limites. Vive numa certa doença de infinito. Acaba por sentir uma certa necessidade do outro, por sentir um certo vazio em si próprio. Neste sentido, vai à busca de um milagre naquele que se dispõe a escutá-lo – há uma necessidade constante de abrir as janelas sobre a sua vida para não sufocar.

O acompanhamento espiritual «visa um amadurecimento da relação com Deus, apoiando-se na clarificação consciente e no empenho da vontade, além de, certamente, na graça»³²³, e o único objetivo é alcançar um crescimento gradual da pessoa, «de outro modo, nunca cresceremos na fé. Escolheremos viver num nível de infância espiritual, apesar do nosso compromisso de crescer para Deus»³²⁴.

³²³ Aletti, 125.

³²⁴ Chittister, *O Sopro da vida Interior*, 77.

Conclusão

Ao concluirmos, precisamos de reconhecer que muito mais haveria para pesquisar, desde logo, face à vastidão de informação que existe relacionada com a temática da oração e das suas dimensões psicológicas.

Utilizámos esta perícopie de Lucas com o intuito de perceber que o Evangelho da salvação é acessível a todos, sem distinção, e está pronto para ser acolhido, a fim de libertar o ser humano e o conduzir a uma vida nova, num caminho de conversão, não esquecendo a oração, visto que, pela oração, Deus nos concede o Espírito Santo, tendo em nós a Sua força para nos convertermos.

A oração é algo que se vai construindo, logo é preciso alimentá-la num Deus que tem a capacidade de nos alimentar numa fé que nos transmite «algo que nós nunca vimos nem ouvimos, e que não pode ser comparado com nada»³²⁵, fruto de uma esperança que é obra do Espírito Santo³²⁶.

O nosso caminho é concretizado por distintos estados de conservação, sob diferentes vias. Se “Deus também passa pelos ladeiros”, nesses passos cuidados sentimos a confiança e o medo, mas para atravessar é preciso superar essas inseguranças. Noutros percursos, a paz de Nosso Senhor está connosco, tornando mais fácil e feliz a caminhada. O percurso é muito longo e, em cada etapa que superamos, reforçamos a nossa fé e a nossa esperança.

Para perceber o projeto de salvação, de liberdade e de felicidade, que Deus tem para a humanidade, basta olhar o nosso coração³²⁷ e a nossa consciência: é aí que Ele nos fala e é aí que nós escutamos as suas propostas e as suas indicações. Resta-nos estar disponíveis para escutar e para perceber – no meio das dificuldades que as nossas paixões nos apresentam – as sugestões, os apelos, os desafios de Deus.

Com esta investigação, propomos que a melhor opção para esta escuta seja através da oração, num diálogo «em que a palavra me enriquece a mim, que sou pobre, (...) um pobre que precisa de ser enriquecido»³²⁸, num estado de pobreza que não permite sequer falar³²⁹. É Jesus que purifica e transforma os corações para levá-los ao âmbito da salvação.

Por vezes, podemos olhar ao redor e não nos apercebermos de uma possível prisão em que se vive. Tudo pode parecer lindo e confortável, sem necessidade de sair, contudo, há uma porta que permanece no mesmo sítio; uma porta que está aberta, a porta escancarada do amor

³²⁵ Halík, *Quero que Tu sejas!*, 81.

³²⁶ Cf. Guardini, *Introdução à Oração*, 110-111.

³²⁷ Cf. Guardini, 114.

³²⁸ Martini, *Itinerário de Oração*, 25.

³²⁹ Cf. Guardini, *Introdução à Oração*, 115.

de Cristo³³⁰. Um dia, o tempo esgota-se, e aí percebemos que passamos a vida rodeados de muralhas³³¹. Terá sido isto que o pobre rico da parábola de estudo terá sentido.

Assim, percebemos que a oração permite o libertar das situações que nos aprisionam, desde que estejamos dispostos a manter a porta aberta³³², de modo a entrar em relação com Deus³³³, porque a oração não é um enigma, mas um encontro.

³³⁰ Cf. Halík, *Quero que Tu sejas!*, 146.

³³¹ Cf. Halík, 148.

³³² Cf. Mendonça, *Rezar de Olhos Abertos*, 201.

³³³ Cf. Guardini, *Introdução à Oração*, 113.

Bibliografia

1. Bíblias Sagradas

Bíblia de Jerusalém. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2008.

Bíblia Sagrada (edição Pastoral). 9ª ed. Lisboa: Paulus Editora, 2015.

Bíblia Sagrada. 5ª ed. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 2014.

Bíblia. Os Quatro Evangelhos e os Salmos. Ad Experimentum. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2019.

2. Dicionários e Enciclopédias

Abbrescia, Domenino e Tomás Álvarez. «Oración». Em *Diccionario de Espiritualidad*, editado por Ermanno Ancilli. vol. 3: 09-20. Barcelona: Editorial Herder, 1987.

«As Cidades de Paulo». em *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, editado por Rogério Moreira. 2ª ed., 178-179. Lisboa: Edições Zairol, 1989.

«Cristandades não Paulinas no Século I d.C.». em *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, editado por Rogério Moreira. 2ª ed., 178-179. Lisboa: Edições Zairol, 1989.

Balz, Horst e Gerhard Schneider. *Diccionario exegetico del Nuevo Testamento*. Traduzido por Constantino Ruiz-Garrido. Salamanca: Sígueme, 1996.

Corrêa de Andrade, Claudionor. «Salvação». em *Dicionário Teológico*, 259. Rio Janeiro: CPAD, 2000.

Cremaschi, Lisa. «Salvação». em *Christos, Enciclopédia do Cristianismo*, 791. Lisboa: Verbo, 2004.

Giuseppe, Marco Salvati. «Salvación». em *Diccionario encicliopédico de exégesis y teología bíblica*. editado por Walter Kasper, 1140–43. Tomo 2/I-Z. Barcelona: Herder, 2011.

———. «Salvación». em *Diccionario teológico: El Dios Cristiano*. editado por Xabier Pikaza e Nereo Silanés, 897–908. Salamanca: Secretariado Trinitario, Outubro de 1992.

L. McKenzie, John. «Salvation». Em *Dictionary of The Bible*, 760–63. Milwaukee: The Bruce Publishing Company, 1965.

Nestle, Erwin, Eberhard Nestle e Kurt Aland. *Novum Testamentum Graece*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1995.

3. Bibliografia Geral

«Anónimo (Monge da Cartuxa *Scala Coeli*)». *A Oração de Jesus: Caminho para a Intimidade com Deus*. Braga: Editorial A. O., 2013.

A. Just Jr., Arthur. *La Biblia Comentada, por Los Padres de La Iglesia. Evangelio según San Lucas*. Editado por Thomas C. Oden. Vol. Nuevo Testamento 3. Madrid: Ciudad Nueva, 2006.

Aletti, Mario. «Atendimento Psicológico e Direção Espiritual: Semelhanças, Diferenças, Integrações e... Confusões». *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 24, n.º 1 (janeiro 2008): 117-125.

<https://www.scielo.br/j/ptp/a/TnfpbMpbfmcpLSfhCGpNH9S/?lang=pt&format=pdf>

Alvarez, Jaime García. *Oremos com San Agustín*. Madrid: Revista Agustiniana, 1996.

Aparicio, Ángel. *Salmos 107-150*. Bilbao: Desclée De Brouwer, 2009.

Barth, Karl. *Carta a los Romanos*. Traduzido por Abelardo Martinez de la Pera. Madrid: B.A.C., 2002.

Baur, Benedikt. *A vida espiritual*. Traduzido por Domingos Marques. Lisboa: Editorial Aster, 1960.

Bennema, Cornelis. «The Rich Are The Bad Guys: Lukan Characters And Wealth Ethics». Em *Characters and Characterization in Luke-Acts*. 1ª ed., 548:95–108. Library of New Testament 88 Studies. Formerly Journal for the Study of the New Testament Supplement Series. London: t&tclark, 2018.

Biela, Slawomir. *Só Deus Basta*. Lisboa: Paulus Editora, 2001.

Boff, Leonardo. *O Pai-nosso: A oração da libertação integral*. 7ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

Bovon, François. *El Evangelio Según San Lucas*. vol. I. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005.

———. *El Evangelio Según San Lucas*. vol. III. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005.

Bujanda S. J., Padre Jesús. *Vida espiritual y elección de estado*. Cádiz: Cerón y Librería Cervantes, 1943.

Buenaventura, San. *Experiencia y Teología del Misterio*. editado por Julio Gómez e Jesús Sanz Montes. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2010.

Casalegno, Alberto. «Salvação e corporeidade no Evangelho de Lucas». *Perspectiva Teológica* 28, nº 75 (1996): 191–209.

Chapa, Juan, Vicente Balaguer, Juan Luis Caballero e Francisco Varo. *Comprender los Evangelios*, editado por Vicente Balaguer. 1ª ed. Pamplona: EUNSA, 2005.

Chittister, Joan. *O Sopro da vida Interior: A oração como experiência de misericórdia*. Prior Velho: Paulinas editora, 2012.

———. *O Tempo é Agora: Um chamamento para uma coragem invulgar*. Prior velho: Paulinas Editora, 2020.

Correia, João Alberto. *Os Livros da Bíblia: Novo Testamento*. vol. II. Braga: Diário do Minho, 2011.

Diocese de Aveiro. *Lucas: Evangelista da Misericórdia*. 1.a ed. Aveiro: Tempo Novo, 2016.

Fitzmyer, Joseph A.. *El Evangelio Segun Lucas: Introduccion General*. vol. I. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1986.

———. *El Evangelio Segun Lucas: Traducción y Comentario*. vol. III. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1987.

———. *L'Évangile Selon Saint Luc: Commentaire du Nouveau Testament, Deuxième Série*. vol. III. Genève: Labor et Fides, 2001.

Fragata S. J., Júlio. *Mais Forte que a Morte*. Braga: Editorial A. O., 1986.

———. *Vivências Cristãs: Reflexões Espirituais*. Braga: Editorial A. O., 1967.

Francisco, Papa. *A Oração: Alento da Vida Nova*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2020.

———. *Oração: Um diálogo com Deus*. 1ª ed. Amadora: Editora Farol, 2020.

Freire, António. *Retiro Espiritual: Temas de Espiritualidade*. Braga: Editorial: A. O., 1989.

Gamarra, Saturnino. *Teología Espiritual*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1994.

García, Ciro. *Teología Espiritual Contemporánea: Corrientes y Perspectivas*. Burgos: Monte Carmelo, 2002.

García, Miguel García, Marco Conti, Gianluca Pilara, Marcello Merino Rodriguez e Thomas C. Oden. *La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia y otros Autores de la Época Patrística. Antiguo Testamento: 1-2 Reyes, 1-2 Crónicas, Esdras, Nehemías*. Madrid: Ciudad Nueva, 2015.

Gelin, Albert. *Os Pobres que Deus Ama*. Traduzido por Padre Artur Lemos de Azevedo. Lisboa: Lvraria SamPedro Editora, 1970.

George, A. *Para ler o Evangelho segundo S. Lucas*. 2ª ed. Cadernos Bíblicos 1. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 1990.

- Gironi, Paolo. «Linne fondamentali della teologia di Luca». Em *Nuovo Dizionario di Teologia Biblica*, editado por Pietro Rossano, Gianfranco Ravasi e Antonio Girlanda. 8ª ed.: 853. Catania: San Paolo Edizioni, 1996.
- Gómez Acebo, Isabel. *Lucas*. Navarra: Verbo Divino, 2008.
- Gonçalves, Margarida Maria. *O risco de amar: Um perfil de comunhão*. Braga: Editorial A. O., 1992.
- González, Ángel. *El Libro de Los Salmos*. 2ª ed. Barcelona: Herder, 1977.
- Green, Joel B. *The Gospel of Luke: The New International Commentary on the New Testament*. Michigan/Cambridge: Wm. B. Eerdmans Publishing. Co., 1997.
- Grente, Cardeal. *A Oração do Senhor*. Traduzido por Manuel da Costa. Lisboa: Aster, 1957.
- Grün, Anselm. *Que fiz eu para merecer isto?: A incompreensível justiça de Deus*. 2ª ed. Prior Velho: Paulinas Editora, 2009.
- Guerra, Paulo. *Ao sopro do Espírito*. Braga: Editorial A. O., 2008.
- Halík, Tomáš. *Paciência com Deus: Oportunidade para um encontro*. 3ª ed. Prior Velho: Paulinas Editora, 2014.
- Halík, Tomáš. *Quero que Tu sejas!: Podemos acreditar no Deus do amor?, 2ª ed. Prior Velho: Paulinas Editora, 2016.*
- Harrington, Wilfrid J. *El Evangelio según San Lucas: Comentario*. Traduzido por Eloy Requena. Madrid: Studium, 1972.
- Hochheim, Eckhart de. *Mestre Eckhart: A mística de Ser e de não Ter*. Traduzido por Raimundo Vier, Fidelis Vering e Leonardo Boff. Petrópolis: Vozes, 1983.
- Illanes, José Luis. *Tratado de Teología Espiritual*. 1ª ed. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra (EUNSA), 2007.
- Jervell, Jacob. *Luke and the people of God: A new look at Lukes-Acts*. Augsburg: Augsburg Fortress Pub, 1979.
- Kraus, Hans-Joachim. *Los Salmos*. vol. II. Salamanca: Sígueme, 1995.
- Lafrance, Jean. *O Poder da Oração*. Braga: Editorial A. O., 1992.
- Langner, Córdula. *Evangelio de Lucas hechos delos Apóstoles*. Estella: Verbo Divino, 2008.
- Leclerc, Elói. *O Reino Escondido*. Braga: Editora Francisca, 1989.
- Leclercq, Jacques. *Diálogo do homem e de Deus*. Porto: Casa do Castelo Editora, 1953.
- Léon-Dufour, X. *Los Evangelios y la Historia de Jesus*. 3ª ed. Madrid: Cristiandad, 1982.
- Louf, André. *Ao ritmo do absoluto: Viver em Oração*. Braga: Editorial A. O., 1999.

- Lourenço, João Duarte. *Salmos: Oração do Povo de Deus*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005.
- . *Sofrimento e Glória de Israel: Is e sua Interpretação do Judaísmo Antigo*. Lisboa: Didaskalia, 1996.
- Maggioni, Bruno. *Il Racconto Di Luca: Nuovo Testamento*. 3ª ed. Assisi: Cittadella, 2005.
- Main, John. *A Palavra que leva ao Silêncio*. Traduzido por Artur Morão. Lisboa: Pedra Angular, 2011.
- Maréchal, Albert. *A Revisão de vida: toda a nossa vida no Evangelho*. Traduzido por Padre Reinaldo de Vasconcelos Gonçalves. Lisboa: Editorial Logos, 1965.
- Marguerat, Daniel. *Introducción al Nuevo Testamento: Su historia, su escritura, su teología*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2008.
- Marti, Pablo. *Teología Espiritual: Manual de Iniciación*. 2ª ed. Madrid: Ediciones Rialp, 2006.
- Martini, Carlo Maria *Itinerário de Oração*. Traduzido por Manuel Gonçalves. Lisboa: Edições Paulistas, 1984.
- . *Pôr em ordem a própria vida: Meditações sobre o texto dos Exercícios de Santo Inácio*. Lisboa: São Paulo, 1993.
- Melo, Luís Rocha e. *O Vento sopra onde quer*. Braga: Editorial A. O., 2001.
- Melo, Luís Rocha e. *Se tu soubesses o dom de Deus: ensaio sobre a oração*. 3ª ed. Braga: Editorial A. O., 2006.
- Mendonça, José Tolentino. *O Tesouro Escondido: Para uma arte da procura interior*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2019.
- . *Rezar de Olhos Abertos*. 1ª ed. Lisboa: Quetzal Editores, 2020.
- . *Um Deus que dança: Itinerários para a Oração*. 6ª ed. Braga: Editorial A. O., 2021.
- Mielgo, Gerardo Sánchez. *Claves para ler los Evangelios Sinópticos*. 2ª ed. Salamanca: Editorial San Esteban, 2001.
- Monasterio, Rafael Aguirre e Antonio Rodríguez Carmona. *Evangelios Sinópticos y Hechos de los Apóstoles*. Estella: Verbo Divino, 1994.
- Neves, Joaquim Carreira das, *Deus existe? Uma viagem pelas religiões*. Lisboa: Editorial Presença, 2012.
- . *Jesus Cristo, História e Mistério*. Braga: Franciscana, 2000.
- Nouwen, Henri. *Acompanhamento Espiritual* Henri Nouwen, *Acompanhamento Espiritual* (Braga: Editorial A.O., 2016. Braga: Editorial A.O., 2016.

Oden, Thomas C. e Christopher A. Hall. *La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia y otros Autores de la Época Patrística. Nuevo Testamento: Evangelio según San Marcos*. Madrid: Ciudad Nueva, 2000.

Pascoaes, Teixeira de. *O grito que Deus ouve*. 2ª ed. Braga: Editorial A. O., 1995.

Paulo II, João. *Orar: A Espiritualidade do Papa*, editado por Alex Rosal. Traduzido por Fátima Fonseca. Viseu: Vislis Editores, 2000.

Pedroso S. J., Dário. *Senhor, ensina-nos a rezar*. 2ª ed. Braga: Editorial A. O., 1979.

———. *Tempo para Deus: Reflexões ao longo do ano litúrgico*. Braga: Editorial A. O., 1991.

———. *Vida em Oração*. Braga: Editorial A. O., 1988.

Perrot, Charles. *A Carta aos Romanos*. Lisboa: Difusora Bíblica, 1993.

Pikaza, Javier e Francisco de la calle. *Teología de los Evangelios de Jesús*. Salamanca: Sígueme, 1974.

Pinto, Hercília. *Curados para evangelizar: Para um processo cristão de cura e libertação interior*. Telhado (VNF): Comunidade Cristo de Betânia, 1996.

Prete, Benedetto. *L' Opera Di Luca. Contenuti e prospettive*. Torino: Elle di ci, 1986.

Ramis Darder, Francesc. *Lucas, Evangelista da Ternura de Deus*. 1ª ed. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2004.

Ravasi, Gianfranco. *Quem és Tu, Senhor?*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2013.

———. *Viver no Amor: Amai-vos uns aos outros*. Traduzido por Mário José dos Santos. Lisboa: Paulus Editora, 2014.

Reynier, Chantal. *Para leer: La Carta a Los Romanos*. Traduzido por José Pérez Escobar. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2012.

Romano Guardini. *Introdução à Oração*. Lisboa: Editorial Aster, 1957.

Rupnik, Marko Ivan. *A arte da vida: O quotidiano na beleza*. Braga: Editorial A. O., 2015.

Santos, Manuel Mendes da Conceição. *Coragem e Confiança: Pensamentos de Orientação Espiritual*. Braga: Centro de Estudos D. Manuel Mendes da Conceição Santos, 1962.

Schmid, Josef. *El Evangelio Según San Lucas*. Barcelona: Herder, 1968.

———. *El Evangelio Según San Marcos*. Barcelona: Herder, 1967.

Schweizer, Eduard. *Il Vangelo secondo Luca: Nuovo Testamento*. Secunda serie 3. Bréscia: Paideia, 1986.

Schökel, Luis Alonso, J.L. Sicre Diaz, S. Breton e E. Zurro. *Profetas: Comentario*. 2ª ed., vol. I. Madrid: Cristiandad, 1987.

———. *Profetas: Comentario*. 2ª ed., vol. II. Madrid: Cristiandad, 1987.

Scquizzato, Paolo. *Ainda Melhor no Silêncio: A Oração Cristã*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2017.

———. *O Elogio da Imperfeição: O Caminho da Fragilidade*, 3ª ed. Prior Velho: Paulinas Editora, 2017.

Secondin, Bruno. *Leitura Orante da Palavra: Lectio Divina dos Evangelhos de Marcos e de Lucas*. Lisboa: Paulus, 2008.

Sesé, Javier. *Historia de la Espiritualidad*. Madrid: EUNSA, 2005.

Sicre, José Luis. *El Evangelio de Lucas*. Estella: Editorial Verbo Divino, 2021.

Torelló, Joan Baptista. *Psicología y vida espiritual*. Traduzido por José Ramón Pérez Arangüeña. Madrid: Rialp, 2008.

Tous, Lourenzo. «“Amor” de Jesus a los Marginados». *Biblia y Fe, Revista de Teología Bíblica*, VIII, n. 22 (1982): 5–14.